

**Kênia Rosiane Cunha Coelho**

**O SUJEITO MORAL NA ÉTICA DAS VIRTUDES DE  
ALASDAIR MACINTYRE**

Dissertação de Mestrado em Filosofia

**Orientador: Prof. Dr. Elton Vitoriano Ribeiro**

Belo Horizonte  
FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2017

**Kênia Rosiane Cunha Coelho**

**SUJEITO MORAL NA ÉTICA DAS VIRTUDES DE  
ALASDAIR MACINTYRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de pesquisa: Ética

Orientador: Prof. Dr. Elton Vitoriano Ribeiro

Belo Horizonte  
FAJE-Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Coelho, Kênia Rosiane Cunha  
C672s Sujeito moral na ética das virtudes de Alasdair MacIntyre /  
Kênia Rosiane Cunha Coelho. - Belo Horizonte, 2017.  
78 p.

Orientador: Prof. Dr. Elton Vitoriano Ribeiro  
Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e  
Teologia, Departamento de Filosofia.

1. Ética. 2. Sujeito Moral. 3. MacIntyre, Alasdair. I. Ribeiro,  
Elton Vitoriano. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.  
Departamento de Filosofia. III. Título

CDU 17

Dissertação de **Kênia Rosiane Cunha Coelho** defendida e aprovada, com a nota 8,5  
( oito e meio ) atribuída pela Banca Examinadora constituída pelos  
Professores:

Elton Vitoriano Ribeiro

Prof. Dr. Elton Vitoriano Ribeiro / FAJE (Orientador)

Cláudia Maria Rocha de Oliveira

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Maria Rocha de Oliveira / FAJE

M. Bivis

Prof. Dr. Márcio Antônio de Paiva / PUC Minas (Visitante)

Departamento de Filosofia – Pós-Graduação (Mestrado)

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte, 05 de maio de 2017.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por mais esta conquista, pelo ânimo e pela disposição que me concedeu neste percurso.

Aos meus pais, pela minha formação e por tudo que sou. Principalmente, à minha mãe, por ser meu maior exemplo.

Ao meu esposo, pelo apoio e incentivo.

Aos meus filhos, que tornam os meus dias mais felizes.

Ao Professor Elton Ribeiro Vitoriano, que foi tão importante para mim, sem o qual certamente eu não teria dado conta de realizar este trabalho.

Ao meu psicanalista, Wander Lâmega, pelo cuidado e pela escuta.

Às minhas colegas de equipe, Valquíria, Simone e Natália, pela colaboração, compreensão e por nossas conquistas.

À UFMG, em especial aos Diretores, Professores e Colegas de trabalho do Coltec.

Ao Professor Hélder de Figueiredo e Paula, pela generosidade e por me apoiar em momentos tão importantes.

Aos meus colegas do Mestrado, pelo tempo que passamos juntos. Principalmente, a Camila.

Ao Bertolino, por sempre ser prestativo e muito eficiente.

Aos dedicados professores da Faje e funcionários.

À Faje, por ter me proporcionado a condição de realizar este sonho. Na verdade, adquiri mais que um conhecimento técnico e científico, mas uma lição de vida.

Enfim, agradeço a todos que torceram por mim, familiares e amigos.

“A filosofia implica uma mobilidade livre no pensamento; é um ato criador que dissolve ideologias”.

*Martin Heidegger*

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é trabalhar a formação do sujeito moral na ética das virtudes de Alasdair MacIntyre. Para isso, foi necessário estudar a antropologia do sujeito moral, a definição de agente moral e as mudanças que ocorreram ao longo dos tempos em relação aos valores morais. Sujeito moral ou agente moral é a pessoa que busca viver de acordo com as normas e a conduta ética. Na atualidade, ser um sujeito moral não é uma tarefa fácil. As virtudes morais sofrem modificações ao longo dos anos, o que era virtude antigamente, hoje pode não ser. Vivemos uma crise ética, que, segundo o autor, é proveniente do fracasso do projeto iluminista, que se deu nos séculos XVI e XVII. De acordo com MacIntyre, precisamos das virtudes para pautar nossa vida e nos protegermos de toda forma de desamparo e negligência. Na atualidade, os debates sobre temas polêmicos envolvendo a moralidade não apresentam um acordo comum. As discussões se tornam extensas e cansativas. Cada pessoa busca embasar seu ponto de vista, defendendo sua maneira de perceber os fatos. O emotivismo conduz as discussões para o lado pessoal, falta um bom senso que possa direcionar os debates. A pretensão à racionalidade tende justificar a razão, como se ela pudesse responder aos questionamentos morais. Diante da diversidade das questões éticas envolvendo o posicionamento do sujeito, cada vez mais nos deparamos com dilemas éticos. Por isso, a necessidade de nos aprofundarmos mais no conhecimento sobre a ética e as virtudes morais. O referido trabalho busca uma análise minuciosa do desacordo moral que se propagou na contemporaneidade, além de apontar para um caminho em busca da vida ética. Desta forma, a proposta do autor é o resgate das virtudes morais para podermos enfrentar a crise moral. Segundo MacIntyre, para agirmos de maneira virtuosa, precisamos valorizar as práticas, as tradições e as narrativas para lidarmos com o desacordo moral e alcançarmos o nosso fim último. As virtudes da dependência, da justiça e da misericórdia são algumas das virtudes importantes para o nosso crescimento pessoal e florescimento. Assim, passamos a almejar o nosso bem e o bem comum da sociedade.

Palavras-chave: MacIntyre. Desacordo moral. Sujeito moral. Virtudes.

## ABSTRACT

The purpose of this research is to work the formation of the moral subject in the ethics of the virtues of Alasdair MacIntyre. For this, it was necessary to study the anthropology of the moral subject, the definition of moral agent and the changes that have occurred over time in relation to moral values. Moral subject or moral agent is the person who seeks to live according to norms and ethical conduct. Nowadays, being a moral subject is not an easy task. The moral virtues undergo modifications over the years, which was virtue formerly, today, may not be. We live an ethical crisis, which according to the author comes from the failure of the Enlightenment project, which occurred in the sixteenth and seventeenth century. According to MacIntyre, we need the virtues to guide our lives and protect ourselves from all forms of helplessness and neglect. At present, debates on controversial issues involving morality do not have a common agreement. The discussions become lengthy and tiresome. Each person seeks to base his point of view, defending his way of perceiving the facts. Emotivism leads the discussions to the personal side; there is a lack of common sense that can guide the debates. The pretension to rationality tends to justify reason, as if it could answer moral questions. Faced with the diversity of ethical issues involving the positioning of the subject, we are increasingly faced with ethical dilemmas. Therefore, the need to delve deeper into the knowledge about ethics and moral virtues. This work seeks a detailed analysis of the moral disagreement that has spread in contemporary times. In addition, to point to a path in search of ethical life. In this way, the author's proposal is the rescue of the moral virtues in order to face the moral crisis. According to MacIntyre, to act virtuously we need to value practices, traditions and narratives to deal with moral disagreement and to reach our ultimate end. The virtues of dependence, justice, and mercy are some of the important virtues for our personal growth and flourishing. Thus, we begin to seek our good and the common good, of society.

Keywords: MacIntyre. Moral disagreement. Moral subject. Virtues.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>8</b>  |
| <b>1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E CONTEXTUALIZAÇÃO DO DEBATE EM TORNO DO SUJEITO MORAL NA ÉTICA DAS VIRTUDES DE MACINTYRE .....</b> | <b>15</b> |
| 1.1 Desacordo moral.....   | 15        |
| 1.1.1. A incomensurabilidade conceitual dos argumentos rivais .....  | 17        |
| 1.1.2. A pretensão à racionalidade.....  | 19        |
| 1.1.3. A diversidade das origens históricas.....   | 22        |
| 1.2 O fracasso do projeto iluminista .....   | 23        |
| 1.3 Emotivismo .....   | 28        |
| <b>2 ANTROPOLOGIA DO SUJEITO MORAL .....</b>   | <b>33</b> |
| 2.1 Sujeito moral.....   | 33        |
| 2.1.1 Conceito de práticas.....  | 36        |
| 2.1.2 Bens internos .....  | 37        |
| 2.1.3 Bens externos.....   | 39        |
| 2.2 A importância das Tradições e das Narrativas.....  | 41        |
| 2.2.1 Tradições.....   | 41        |
| 2.2.2 Narrativas.....  | 47        |
| <b>3 VIRTUDES PARA FORMAÇÃO DO SUJEITO MORAL.....</b>  | <b>52</b> |
| 3.1 Virtudes.....  | 52        |
| 3.2 Sabedoria intelectual .....  | 56        |
| 3.3 Sabedoria prática.....   | 58        |
| 3.4 Florescimento humano e raciocínio prático .....  | 66        |
| <b>CONCLUSÃO .....</b>   | <b>69</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>76</b> |

## INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa é compreender a concepção de sujeito moral na perspectiva da ética das virtudes em Alasdair MacIntyre. Para o autor, o sujeito moral ou agente moral é a pessoa que desenvolve a capacidade de raciocinador prático. Por meio da razão prática, o ser humano pode discernir e conhecer os seus desejos. Por isso, o agente moral se preocupa com as suas ações, com o bem comum e com a comunidade.

O sujeito moral almeja a vida virtuosa, a vida dedicada à procura da vida boa, sendo que, para viver a vida boa, são necessárias as virtudes morais, pois são elas que direcionam a nossa forma de agir. Ao agirmos de acordo com as virtudes morais, nos afastamos dos nossos desejos iniciais e dos nossos vícios.

Assim, passamos da potência ao ato, desenvolvemos nossas potencialidades e nossas virtudes. Quando alcançamos a condição de viver conforme as virtudes morais, encontramos o nosso *telos*.

Segundo MacIntyre, o sujeito moral necessita das virtudes morais para lidar com o desacordo moral que se evidenciou na atualidade. Diante do desajuste moral que a sociedade enfrenta, precisamos das práticas virtuosas, do resgate da tradição, da unidade narrativa da vida humana.

As questões que envolvem a ética tomaram uma dimensão grande na contemporaneidade, por isso, entendemos que é necessário trabalhar a proposta do tema, ou seja, a compreensão do que é ser um sujeito moral, de acordo com MacIntyre. Só assim, poderemos florescer e encontrar o nosso fim último.

Alasdair MacIntyre, filósofo britânico, bastante conhecido no campo da moral e da filosofia política, nasceu em 12 de janeiro de 1929, em Glasgow. Estudou em Londres, e em 1951 foi docente na Universidade de Manchester e de Oxford. Foi pesquisador do Centro de Estudos Contemporâneos Aristotélicos (CASEP) em ética e política na Universidade de Londres e também Professor Emérito da Universidade de Notre Dame.

Considerado como intelectual nômade, lecionou em várias universidades nos Estados Unidos. Sobre seu percurso pessoal, MacIntyre afirma:

Minha vida como filósofo acadêmico divide-se em três partes. Os vinte anos em 1949, quando me tornei aluno graduação em Filosofia na Universidade de Manchester, até 1971 formam um período, como parece agora, retrospectivamente, heterogêneo, mal organizado, muitas vezes fragmentado, frustrante e de confusas investigações, a partir do qual, no entanto, ao final aprendi muito. A partir de 1971, pouco depois de ter emigrado para os

Estados Unidos, até 1977 foi um período de, por vezes dolorosas, autor reflexão e crítica. De 1977 em diante tenho sido envolvido por um único projeto para o qual *AfterVirtue* [1981], *Whose Justice? Which Rationality?* [1988], e *Three Rival Versions of Moral Enquiry* [1990] são centrais. (RIBEIRO, 2012, p. 9)

Para compreendermos o pensamento de MacIntyre sobre as virtudes morais, analisaremos suas principais obras, que são de grande importância para a compreensão da sua teoria. Seu projeto filosófico está reunido principalmente nas obras: *Depois da virtude: um estudo em teoria moral* (2001); *Justiça de quem? Qual racionalidade?* (1991) e *Three Rival Versions of Moral Enquiry: Encyclopedia, Genealogy and Tradition* (1990). Completando este projeto, temos a obra *Dependent rational animals: why human beings need the virtues* (1999).

O autor dialoga com a tradição filosófica, desde o pensamento clássico ao iluminismo, para melhor retratar a problemática moderna, buscando contribuir para o seu enfrentamento, construindo um caminho pautado na ética das virtudes.

Segundo MacIntyre, o livro *Depois da virtude* surgiu de uma inquietação, do desejo de melhorar sua contribuição em relação ao tema. Assim, ele buscou na história e na antropologia os diversos tipos de práticas morais, crenças e esquemas conceituais. O referido livro é considerado como a sua mais famosa obra. Assim, o autor passou a ser conhecido e prestigiado no meio acadêmico filosófico, e a ser visto como um autor importante que trata da ética contemporânea de reabilitação das virtudes.

Ainda nesta obra, MacIntyre promove a investigação acerca da moral, percorre os escritos em torno da moral e da virtude desde a época medieval. Esta é uma contribuição significativa no campo da moralidade, pois traz uma reflexão sobre os valores morais e suas significações ao longo dos anos.

A problemática apresentada pelo autor diz respeito à desordem moral que se configurou na contemporaneidade. MacIntyre retrata a falta de objetividade do caráter dos discursos morais na sociedade moderna. Ao criticar a história da filosofia moral, retoma a tradição da ética aristotélica, sua caracterização teleológica das ações morais, que foram rejeitadas pelo Iluminismo.

Segundo MacIntyre, o desacordo moral é consequência de fragmentos herdados de várias tradições sociais com origens históricas diferentes. Para o autor, vivemos uma crise moral que herdamos do projeto iluminista.

Em uma época de grandes conflitos morais, possuímos apenas fragmentos de esquemas conceituais de moralidades passadas.

A globalização traz consigo uma diversidade de assuntos polêmicos e não há um consenso entre as pessoas diante dos debates que surgem. Na verdade, não temos respostas prontas para a gama de conflitos morais que vivenciamos na atualidade.

Percebemos que, ao longo da história da Filosofia, grandes contribuições filosóficas foram dadas para que pudéssemos alcançar tais respostas, ou, até mesmo, levantar novos questionamentos no que diz respeito à crise moral contemporânea. Porém, ainda não temos um modelo, um acordo moral que possa direcionar os conflitos morais.

O tema escolhido tem uma relação muito próxima com as problemáticas filosófica e cultural atuais, uma vez que, na sociedade contemporânea, as pessoas parecem desorientadas ao se depararem com assuntos polêmicos sobre formas de condutas que envolvem o posicionamento do sujeito.

Na modernidade, o bem comum e as virtudes não ocupam um lugar de importância e de grande reflexão filosófica no cenário moral. Assim, percebemos a necessidade de uma compreensão, de uma contribuição dentro da ética das virtudes para lidarmos com a crise moral na atualidade.

Outra obra muito importante do autor, que é referência para este trabalho, é o livro *Animais racionais dependentes*, no qual o autor busca semelhanças entre os seres humanos e os animais não humanos. Na referida obra, MacIntyre faz uma analogia do ser humano com alguns animais que são reconhecidos por sua inteligência, como os golfinhos e os macacos. Os golfinhos, por exemplo, possuem facilidade no aprendizado, são amáveis e afetuosos. Assim, buscam atingir seus objetivos colaborando entre si. Além disso, demonstram medo e fragilidade como os seres humanos. Desta forma, o autor pretende mostrar com a sua comparação o quanto somos parecidos com os animais irracionais. Estamos sujeitos a todo tipo de dificuldade e de fatalidade, e buscamos constantemente a superação para vencermos as adversidades.

Por meio das obras referidas, buscaremos trabalhar as virtudes morais na ética de Alasdair MacIntyre. Compreendemos que a ética das virtudes pode apontar para um caminho de crescimento moral. O objetivo dessa pesquisa é encontrar alternativas dentro da filosofia moral de MacIntyre que contribuam para o enfrentamento da crise do sujeito moral. É importante entendermos o momento presente e buscarmos resgatar os valores éticos que se perderam na atualidade.

MacIntyre define virtude como sendo uma qualidade humana que adquirimos, cujo exercício nos permite alcançar os bens internos, conforme a citação a seguir:

A virtude é uma qualidade humana adquirida, cuja posse e exercício costuma nos capacitar a alcançar aqueles bens que são internos às práticas e cuja ausência nos impede, para todos os efeitos, de alcançar tais bens. (MACINTYRE, 2001, p. 321).

Consideramos que MacIntyre não quis ser pretensioso, ditando um estatuto sobre as virtudes morais. Apenas desejou contribuir com a excelência moral, disponibilizando sua teoria sobre as virtudes. Ao se preocupar em resgatar a racionalidade moral, seu discurso não retrata uma verdade única, porém, distancia-se de argumentos relativistas ou emotivistas que visam a desconstruir a moralidade racional, baseada em fundamentos psicológicos e subjetivos.

A metodologia adotada neste trabalho será de caráter interpretativo. Buscaremos analisar a ideia do autor sobre o desacordo moral, as virtudes necessárias para ser um sujeito moral, bem como as questões que envolvem a ética e a moral.

Afinal, a sociedade atual vive um desacordo moral, pois os assuntos que envolvem a ética ganharam repercussão. Assim, precisamos nos aprofundar no conhecimento sobre a importância das tradições e das práticas virtuosas e das narrativas para conseguirmos compreender o contexto das discussões morais e termos uma postura ética, justa e razoável.

No capítulo I, delimitaremos o problema e a contextualização do debate em torno do sujeito moral na ética das virtudes de MacIntyre. A proposta será apresentar a problemática que existe no campo da moral, pois vivenciamos um momento de grande crise moral, na qual não existe um acordo sobre as questões envolvendo a ética.

As discussões são infundáveis, com muitos argumentos e contra-argumentos. Existe um sentimento de angústia, uma falta de segurança diante dos conflitos que surgem a cada momento no contexto social em que vivemos. Falta uma referência, um modelo que possa nos orientar diante das diversidades sociais, valores e esquemas sobre conceitos morais.

Herdamos das culturas passadas apenas fragmentos da ética que não conseguem dar respostas aos problemas sociais que surgem na sociedade contemporânea. MacIntyre atribui essa desordem que vivenciamos no campo da ética ao fracasso do projeto iluminista que não foi capaz de dar respostas aos problemas que surgiram com a diversidade das origens históricas.

Comentaremos sobre a cultura que existia na época do Iluminismo, uma época marcada pela razão. Diante da falta de um acordo comum entre os filósofos iluministas, o projeto iluminista fracassou. Assim, herdamos desta época fragmentos de conceitos sobre a moralidade. Por isso, vivemos um momento de desacordo moral, onde o emotivismo e as

discussões de cunho pessoal se fortalecem. Falta uma racionalidade e uma coerência que possam embasar as discussões éticas.

No capítulo II, iremos falar sobre a antropologia do sujeito moral. Para isso, buscaremos retratar o contexto histórico sobre o sujeito moral, bem como a origem do termo moralidade. O conceito de sujeito moral é fundamental para a compreensão do pensamento de MacIntyre. Agente moral ou sujeito moral é a pessoa que busca viver de acordo com a ética e com os preceitos valorativos.

O sujeito moral está sempre diante de um universo de escolhas e espera-se que suas escolhas sejam pautadas dentro de uma conduta responsável, de acordo com um agir ético. A ação do sujeito moral é singular e, diante de cada vivência, a consciência moral analisará a pertinência das normas à situação.

Analisaremos o percurso que MacIntyre construiu ao longo da história da ética e da moral, considerando a filosofia clássica até a atual. Discutiremos as mudanças que ocorreram de acordo com o contexto social de cada momento, bem como a caracterização dos valores morais e também a desconstrução destes valores no decorrer dos anos.

Trabalharemos a importância das narrativas e dos contextos das tradições. Afinal, cada sujeito constrói sua narrativa de acordo com as suas vivências. As experiências vividas por outras tradições e gerações carregam muitos significados e explicações importantes para compreendermos a cultura e os valores de cada sociedade em seus mais diversos contextos.

Apresentaremos o conceito de tradição e a sua importância para a construção de uma prática social. A tradição carrega consigo os valores morais de uma cultura que nos precedeu, de forma que possamos compreender as questões presentes e os fatos passados. Afinal, a tradição carrega consigo valores e referências que foram passados por várias sociedades e nos possibilita entender a conjuntura social atual.

Vamos analisar a importância das virtudes dentro do contexto de uma tradição. Na verdade, as virtudes são responsáveis por manter viva uma tradição. Desta forma, percebemos que os valores morais mudam com o tempo. Alguns valores considerados virtuosos antigamente podem não ser importantes hoje. Por meio das tradições, podemos resgatar preceitos morais importantes para termos uma sociedade mais justa, que visa ao bem comum.

Ainda dentro do contexto das virtudes, vamos trabalhar o conceito de práticas, uma vez que possuem padrões de excelência e de tradição.

No capítulo III, vamos trabalhar as virtudes para construção do sujeito moral. Neste capítulo, vamos falar sobre a importância das virtudes aristotélicas e da necessidade de resgatar os valores teleológicos apresentados na obra *Ética a Nicômacos*, de Aristóteles.

As virtudes teleológicas, segundo MacIntyre, foram as melhores contribuições que ele recebeu para construir seu projeto acerca da moral. Além desta contribuição importantíssima, ele também recorreu à outra colaboração excelente, que foi de Tomás de Aquino. Utilizando o pensamento de Tomás de Aquino sobre a vulnerabilidade e a dependência humana, o autor complementou seu projeto. Afinal, os aspectos da fragilidade do ser humano não foram abordados na ética das virtudes de Aristóteles.

Ainda dentro do contexto de virtude, discutiremos os dois tipos de sabedoria, que são a sabedoria intelectual e a sabedoria prática, virtudes que podem guiar nossas ações. Ambas são importantes para entendermos melhor o agir virtuoso. A sabedoria intelectual é adquirida de forma pedagógica, por meio do conhecimento, enquanto que a sabedoria prática nós aprendemos por meio do hábito.

Segundo o autor, as qualidades da mente e do caráter são virtudes que possibilitam ao homem reconhecer os bens relevantes para alcançarmos o nosso fim último. As virtudes são disposições de caráter importantes na construção do sujeito moral. Por meio das nossas escolhas, podemos moldar nossas atitudes por meio dos bons hábitos, buscando sempre o bem comum e o florescimento humano.

Várias são as virtudes importantes. Comentaremos sobre a virtude da justiça, da misericórdia e da dependência, que são virtudes essenciais para o sujeito moral, pois são práticas virtuosas muito importantes para o crescimento humano. Afinal, o ser humano, para conseguir conviver harmoniosamente, precisa ser altruísta, não buscar apenas o próprio interesse, mas contribuir com as outras pessoas, de acordo com as suas demandas, sem desejar recompensas.

O raciocínio prático nos protege de toda forma de negligência, de falta de amor, de maldade, de estupidez e de cobiça. Assim, as virtudes morais e intelectuais são as qualidades que devem ser trabalhadas nas crianças, no sentido de direcionarem seus desejos em relação às várias etapas da vida.

Na conclusão, comentaremos sobre a importância e a relevância desta pesquisa. A ideia é reforçar o pensamento do autor sobre a necessidade de buscarmos as virtudes morais para lidarmos com o desacordo moral que se instalou na contemporaneidade. Enfatizaremos algumas virtudes, como a da dependência, da justiça e da misericórdia, por entendermos que são essenciais na vida do sujeito moral. Na verdade, só por meio da ética das virtudes alcançamos nosso fim último.

Desta forma, a delimitação e a contextualização do debate em torno do sujeito moral na ética das virtudes de MacIntyre será a nossa preocupação. O sujeito moral deseja ser virtuoso, viver de acordo com as normas e a conduta ética. O agir pautado nas virtudes nos tornam pessoas melhores, pois buscamos a racionalidade prática e o florescimento humano. Por meio das várias virtudes de caráter, nos tornamos mais reflexivos, nos colocamos no lugar do outro. Assim, passamos a desejar a vida boa, o bem comum e da sociedade. Assim, encontramos a verdadeira felicidade, a *eudaimonia*.

## CAPÍTULO I

### 1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E CONTEXTUALIZAÇÃO DO DEBATE EM TORNO DO SUJEITO MORAL NA ÉTICA DAS VIRTUDES DE MACINTYRE

A proposta desse capítulo é refletir a questão do desacordo moral na ética de Alasdair MacIntyre, bem como as discussões que se dão no campo da moral envolvendo o sujeito moral. O caminho proposto visa a delimitar o problema da moralidade na sociedade atual e a contextualização do debate em torno do sujeito moral. Para isso, analisaremos o desacordo moral na contemporaneidade, bem como os motivos que, para MacIntyre, levaram ao fracasso do projeto iluminista, e, por fim, discutiremos a teoria emotivista. O referido capítulo será muito importante para o conjunto da dissertação, pois implica na compreensão da crise que se instaurou no campo da moral e da ética na sociedade contemporânea.

#### 1.1 Desacordo moral

É importante destacarmos que o desacordo moral é uma linguagem atual, usada por MacIntyre para fazer referência à desordem moral presente na sociedade contemporânea. Diante desse desacordo, a proposta de MacIntyre é fazer um diagnóstico da crise moral que se instalou na sociedade contemporânea, buscando, assim, um remédio para resolver tal situação.

Para MacIntyre, a linguagem da moralidade na sociedade contemporânea estaria na mesma situação de desordem em que se encontram as ciências do mundo da parábola. Na verdade, para ele a moralidade atual seria um simulacro de moralidade, uma coleção de fragmentos de moralidades passadas que já não formam um conjunto coerente. Não possuindo mais uma concepção unificadora, a moralidade tornou-se totalmente fragmentada. (RIBEIRO, 2012, P.25)

Para MacIntyre, o desacordo moral é consequência de fragmentos herdados de várias tradições sociais e culturais que apresentam origens históricas diferentes. O que ele quer dizer, é que herdamos várias concepções filosóficas sobre a moralidade, segundo contextos históricos e culturais distintos, que se apresentam de forma fragmentada. Afinal, cada cultura possui uma riqueza de significados que retratam uma época determinada, trazendo consigo referências muito importantes para a sociedade atual. Por isso, o contexto histórico é tão importante, pois serve de modelo para entendermos o momento que vivemos e os valores morais que vão se estabelecendo ou se desfazendo com o passar do tempo.

Diante do desacordo moral atual, a proposta de MacIntyre é a construção de um diagnóstico da situação moral. O interessante é que MacIntyre não só faz um diagnóstico como também propõe um remédio para a crise conjuntural contemporânea. Após a compreensão dos motivos que levaram ao desacordo moral presente na sociedade atual, MacIntyre propõe um tratamento. Segundo ele, precisamos resgatar o esquema teleológico da ética das virtudes aristotélicas, ou seja, nos apropriarmos dos ensinamentos de Aristóteles sobre ética e virtude que visam ao bem comum e à felicidade.

MacIntyre, para retratar a crise moral, fez um estudo bem elaborado, considerando a crise moral em diversas contextualizações, como épocas distintas e culturas diferenciadas, sempre visando a compreender como a questão da moral era abordada. A sua investigação culminou no livro *Depois da Virtude*, uma das suas principais obras, que retrata a realidade da crise moral. Após a referida obra, MacIntyre passou a ser reconhecido e admirado no mundo acadêmico filosófico, sendo considerado um dos representantes da tendência da ética contemporânea de reabilitação das virtudes. A referida obra é uma contribuição muito significativa no campo da moralidade.

Segundo MacIntyre, o livro *Depois da virtude* nasceu da sua insatisfação em relação aos seus trabalhos anteriores sobre a filosofia moral. Ele considerava que precisava melhorar sua proposta em relação ao tema, aprendendo com a história e com a antropologia acerca das diversidades das práticas morais, crenças e esquemas conceituais. (MACINTYRE, 2001, p. 9)

Então, retomando o assunto sobre moralidade, percebemos que MacIntyre retrata a falta de objetividade do caráter dos discursos morais na sociedade contemporânea. Assim, ao criticar a história da filosofia moral, ele retoma a tradição da ética aristotélica, sua caracterização teleológica das ações morais, que foram rejeitadas pelo Iluminismo.

A teoria aristotélica das virtudes pressupõe, portanto, uma distinção fundamental entre o que qualquer indivíduo em determinado momento acredita ser bom para ele e o que é realmente bom para ele como homem. É para alcançar o segundo bem que praticamos as virtudes e o fazemos por meio da escolha de meios para alcançar tal fim, meios em ambos os sentidos acima caracterizados. Tais escolhas exigem discernimento, e o exercício das virtudes requer, portanto, a capacidade de julgar e fazer o certo, no lugar certo, na hora certa e da maneira certa. (MACINTYRE, 2001, p.255)

Para Aristóteles, cada ação prática é voltada para um fim último e universal, visando ao bem maior, cujo propósito é a *eudaimonia*, que significa felicidade. "Toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer" (EN I.1,1094 a), sendo importante considerar sempre o ponto de vista do outro e a relevância de

cada ação individual em relação ao grupo. MacIntyre, então, retoma as ideias de Aristóteles, com o objetivo de mostrar a necessidade de nos basearmos em seus ensinamentos sobre a conduta moral e virtuosa.

Assim, continuaremos apresentando o desacordo moral na nossa cultura, conforme MacIntyre aponta no seu diagnóstico. Para ele, são três as principais características que representam bem tal desacordo.

### **1.1.1. A incomensurabilidade conceitual dos argumentos rivais**

As discussões que se dão nos debates morais são verdadeiras premissas, ou seja, proposições com o fim de defender um ponto de vista ou uma posição diante de determinado assunto. São verdadeiras obras primas, cheia de detalhes e fundamentos. Na verdade, os debates não são infundados, pelo contrário, são feitos por pessoas que sabem o que estão dizendo, são eloquentes e conseguem expor muito bem suas razões.

Cada uma das argumentações é logicamente válida ou pode ser facilmente expandida de modo a tornar-se válida; as conclusões realmente provêm das premissas. Mas as premissas adversárias são tais que não temos meios racionais de sopesar as afirmações uma com a outra, pois cada premissa emprega um conceito normativo ou valorativo bem diferente das outras, de modo que as afirmações são de tipos bem distintos. (MACINTYRE, 2001, p. 24)

Cada pessoa dispõe de uma argumentação lógica, defendendo suas preferências, porém, percebemos que, pelo fato de não haver uma medida comum, um acordo ou um ponto de vista parecido, os argumentos são incomensuráveis, sem limites. É como se estes debates não tivessem fim, afinal, acabam tomando uma proporção gigantesca. “É precisamente porque não existe maneira estabelecida em nossa sociedade de decidir entre essas afirmações que a discussão moral parece necessariamente interminável”. (MACINTYRE, 2001, p. 24).

MacIntyre, para mostrar como se dá esse desacordo moral, aborda como exemplo a guerra justa, a questão do aborto, o sistema gratuito de saúde e a educação. “Analisaremos três exemplos de tal debate moral contemporâneo, estruturados segundo as características e as argumentações morais adversárias conhecidas” (MACINTYRE, 2001, p. 21).

Desta forma, buscaremos comentar um pouco sobre cada um dos exemplos citados. Todas essas situações vivenciadas na contemporaneidade são motivos de muitos debates no campo da moral. A proposta do autor é demonstrar a complexidade destes temas no campo do debate moral.

O primeiro exemplo citado é a guerra justa, e existe uma polêmica sobre o assunto. Afinal, existe uma guerra que possa ser considerada justa? O tema causa uma estranheza, pois quando falamos de guerra, já se desperta um sentimento de medo e angústia em muitas pessoas. Existem argumentos que são favoráveis à guerra, que consideram que a guerra é importante, ou seja, uma maneira de garantir os direitos ameaçados e de impor respeito. A outra posição, que é contrária à guerra justa, considera que nada pode justificar uma guerra, que toda forma de diferença deve ser respeitada e trabalhada, considera que o uso da força e do poder por meio de uma guerra é totalmente desumano.

A guerra justa é aquela na qual o bem a ser alcançado supera os males inerentes à própria guerra e na qual se pode distinguir com clareza os combatentes – cuja vida está em jogo – e os não combatentes inocentes. Na guerra moderna, porém, o cálculo de uma escala futura dos combates nunca é digno de confiança e não se pode distinguir de maneira viável entre combatentes e não combatentes. Por conseguinte, nenhuma guerra moderna pode ser justa, e, agora, todos devemos ser pacifistas. (MACINTYRE, 2001 p.21)

O segundo exemplo desse desacordo moral é a questão do aborto, e o debate sobre o estatuto do feto. Afinal, muitos consideram que o feto ainda não é uma vida, outros, pelo contrário, afirmam que a vida se inicia a partir da concepção. Enfim, há muita divergência sobre o assunto, bem como a discussão sobre o questionamento se a mulher, como dona do seu corpo, possui aval para decidir interromper ou não sua gravidez.

Sobre o aborto, também encontramos a mesma dificuldade de consenso, pois conforme a passagem: “Todos têm direitos sobre sua própria pessoa, entre eles sobre o próprio corpo [...] por conseguinte, o aborto é permissível e deve ser permitido por lei”. (MACINTYRE, 2001, p. 22). No entanto, existe a posição contrária, como percebemos no seguinte argumento: “Abortar não é apenas moralmente errado, mas devia ser proibido por lei.” (MACINTYRE, 2001, p. 23).

O argumento para permitir o aborto não é mais neutro do que o argumento para proibi-lo. O mesmo se pode dizer da discussão sobre as pesquisas com células troncos embrionárias. Os que desejam vê-las proibidas argumentam que, quaisquer que sejam os avanços da medicina, a destruição de embriões humanos não pode ser moralmente aceitável.

O terceiro exemplo é em relação à saúde e à educação, que também estão dentro do contexto do desacordo moral. Percebemos que ambas estão em evidência na realidade atual do nosso país. Há uma polêmica sobre elas, pois existe uma parte da sociedade que considera que é dever do Estado garantir os direitos básicos sobre a saúde e a educação, afinal, estão

garantidos em lei. De acordo com a citação abaixo, o governo deveria ser responsável por oferecer um serviço de qualidade no âmbito da saúde e da educação. No entanto, há aqueles que discordam.

A justiça exige que todo cidadão desfrute, ao máximo possível, de oportunidades iguais de desenvolver seus talentos e suas outras potencialidades [...] Portanto, a justiça requer que o governo forneça serviços de saúde e educação, sustentados pelos impostos, e também requer que nenhum cidadão possa pagar por uma parcela injusta de serviços. (MACINTYRE, 2001, p. 23)

Porém, há outro segmento da sociedade que argumenta ser papel do cidadão e do terceiro setor colaborar com o Estado, ou seja, as organizações não governamentais possuem o papel de ajudar o Estado na garantia de tais direitos, diante da crise financeira que o país atravessa.

Desta forma, percebemos que falta uma legitimação racional em relação às discussões morais, encontrar meios racionais para que um argumento seja mais eficaz que o outro se torna uma tarefa difícil. “Quando chegamos a nossas premissas, a discussão para e a invocação de uma premissa contra outra se torna questão de pura afirmação e contra-afirmação” (RIBEIRO, 2012, p. 28). São questões polêmicas que não podem ser resolvidas sem abordar as controvérsias moral e religiosa implícitas.

Após falarmos dos exemplos acima, citados por MacIntyre, como forma de explicar a incomensurabilidade dos argumentos rivais em relação ao desacordo moral na contemporaneidade, passaremos, agora, a tratar da pretensão à racionalidade, outra contribuição muito importante do autor para tornar mais compreensível o debate sobre o desacordo moral atual.

### **1.1.2. A pretensão à racionalidade**

Pretensão à racionalidade é uma expressão que questiona o lugar que a razão ocupa no campo da moral. “A exigência de a linguagem moral ser um apelo a padrões objetivos, racionais, indicando que a prática da discussão moral em nossa cultura expressa pelo menos uma aspiração a ser ou a tornar-se racional”. (CARVALHO, 2011, p. 34). MacIntyre questiona tal verdade, pois, segundo ele, a razão pode responder às questões que ultrapassam a lógica da razão, bem como as questões morais, que envolvem o sujeito moral e a sua subjetividade.

O propósito de MacIntyre é, justamente, sustentar a tese contrária de que podem existir padrões morais e impessoais que possam ser racionalmente justificados, mesmo que em algumas culturas se esteja num estágio em que a possibilidade de tal justificação racional não ser possível. (CARVALHO, 2011, p.35)

Percebemos que a pretensão à racionalidade quer justificar por meio da razão as questões morais. “- o uso de expressões cuja função característica em nossa linguagem é representar o que propõe ser um apelo a padrões objetivos - (MACINTYRE, 2001, p. 27)

Segundo Carvalho, os padrões de racionalidade para guiar nossas condutas causam mais desacordos: “Essas discussões pretendem ser discussões racionais impessoais, e são apresentadas de modo apropriado a essa impessoalidade”. (CARVALHO, 2011, p. 33).

Na verdade, cada indivíduo possui uma maneira única de ver o mundo, bem como de atribuir valores morais ao contexto histórico em que vive. A razão não pode entender os valores subjetivos que envolvem os sentimentos, nem compreender as escolhas que são feitas pautadas nas emoções. Segundo MacIntyre, é uma pretensão da racionalidade achar que pode dar respostas aos conflitos morais pertinentes ao desacordo moral que se instalou na sociedade contemporânea.

Percebemos que a sociedade contemporânea vive um pluralismo contextual de questões sociais envolvendo a moralidade que se contrapõem à universalidade da razão. Os pluralismos são as multiplicidades de situações que vivenciamos nos contextos sociopolítico e cultural, e são inúmeras questões sociais envolvendo a moralidade. São lutas em prol de reconhecimento e conquistas sociais, que acabam contribuindo para aumentar os conflitos morais que fazem parte do desacordo moral atual, tornando os debates morais incomensuráveis.

Em relação ao pluralismo contextual, percebemos que os debates morais são carregados de argumentos lógicos, com informações importantes que fundamentam um raciocínio. Porém, as argumentações são muitas e os debates se tornam extensos e cansativos. “É fácil perceber que as premissas conceitualmente distintas e incomensuráveis das argumentações adversárias expostas nesses debates têm uma grande diversidade de origens históricas”. (MACINTYRE, 2001, p. 27)

Na verdade, o propósito de ganhar as discussões tornam os debates exaustivos, sem objetividade. Aliás, são verdadeiras afirmações e contra-afirmações. Parece mais um debate de surdos, onde as pessoas rejeitam ouvir argumentos que são contrários a sua maneira de pensar.

A característica mais marcante da linguagem moral contemporânea é ser utilizada para expressar discordâncias; e a característica mais marcante dos debates que expressam essas discordâncias é seu caráter interminável. Não quero com isso dizer apenas que esses debates se arrastam - embora seja o que ocorre - mas também que obviamente não conseguem chegar a um fim. Parece que não existe meio racional de garantir acordo moral em nossa cultura. (MACINTYRE, 2001, p. 21)

Segundo MacIntyre, no “domínio dos fatos há métodos para eliminar a discordância; no da moral, a supremacia da discordância é exaltada pelo título do pluralismo”. (MACINTYRE, 2001, p. 65). Aqui, compreendemos o que MacIntyre quer dizer, pois em relação aos fatos não há questionamento, é fácil aceitarmos um argumento cheio de evidências e comprovações, porém, em se tratando das questões pertinentes à moralidade, não é a mesma coisa, não existe um consenso. Várias discussões se abrem, de acordo com o pluralismo de situações que envolvem o cotidiano das pessoas. Assim, percebemos que os debates no campo da moral geram muitas discordâncias, por isso, o emotivismo se evidencia, domina e ganha repercussão diante do pluralismo das ideias contemporâneas.

A razão dentro do contexto de universalidade busca dar respostas às questões morais de uma forma universal. É como se a racionalidade se tornasse autossuficiente, capaz de abarcar os conflitos existenciais que permeiam a alma do homem, sua subjetividade e suas inquietações frente aos desafios morais que se apresentam nos contextos social e cultural.

Para MacIntyre, os pensadores iluministas fracassaram e deviam fracassar nesse intento de fundar uma moralidade universal porque compartilhavam um fundo histórico comum de crenças morais herdadas do seu passado cristão, mas privado do esquema que lhe dava coerência e sustentação: o esquema teleológico da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. (CARVALHO, 2011, p. 37)

Na verdade, a razão não conseguiu dar respostas aos conflitos éticos e morais que foram se caracterizando ao longo dos anos, inclusive, a razão jamais poderá ser a única forma capaz de satisfazer as angústias do homem frente ao mundo em que vivemos.

Sendo assim, como a razão pode ter um estatuto universal? A razão sozinha não consegue responder aos conflitos morais, afinal, ela desconhece os valores que envolvem os afetos, a subjetividade e a emoção. Não podemos esquecer que o ser humano é um ser completo, cheio de sentimentos e afetos. Também não podemos ignorar a dimensão que envolve o sujeito moral nos seus contextos histórico, social e cultural, pois as escolhas que fazemos são pautadas pelas experiências vividas, nos sentimentos e no conhecimento

adquirido por meio do contexto histórico e social que herdamos das culturas que nos precederam.

Assim, abordaremos, a seguir, a questão da heterogeneidade das origens históricas, a terceira característica que MacIntyre coloca para compreendermos o desacordo moral contemporâneo. De acordo com MacIntyre, para compreender melhor o debate moral na contemporaneidade, é necessária uma reflexão do contexto histórico presente e passado, afinal, não podemos ignorar o conceito de tradição e a sua contribuição para entendermos a conjuntura do momento atual em que vivemos.

### **1.1.3. A diversidade das origens históricas**

A diversidade das origens históricas é outro ponto importante a ser trabalhado dentro da questão do desacordo moral.

Essas diversidades de origens remetem a uma diversidade de contextos, de perguntas e de soluções que muitas vezes não é possível colocar homogeneamente em uma discussão. (RIBEIRO, 2012, p. 30)

Assim, percebemos que a diversidade histórica possui seus conflitos, cada cultura possui os seus próprios valores, no entanto, o importante é sabermos respeitar as diferenças e aprendermos com as experiências das tradições precessoras. “Do ponto de vista das tradições de pesquisa racional, o problema da diversidade não é abolido, mas transformado, de maneira a viabilizar sua solução”. (CARVALHO, 1999, p. 58).

De acordo com Carvalho, percebemos que há um grande desacordo entre as teorias morais causando conflitos e divergências. O pluralismo de ideias e a diversidade do contexto histórico que vivenciamos dificultam um acordo moral, como podemos perceber na citação abaixo.

Temos a exigência de a linguagem moral ser um apelo a padrões objetivos, racionais, indicando que a prática da discussão moral em nossa cultura expressa pelo menos uma aspiração a ser ou a tornar-se racional. Entretanto, o recurso a padrões de racionalidade para guiar as nossas ações causa desacordos, faz emergir um novo nível de diferenças e conflitos, pois quando a discordância entre as teorias morais em conflito é tão fundamental, essa discordância vai se estender também ao modo como se deveria proceder para resolvê-las, ao modo mesmo do que se considera ser racional na resolução dos desacordos. (CARVALHO, 2011, p.34)

Desta forma, compreendemos que nos debates morais cada argumento moral busca uma forma de justificação racional para embasar suas justificativas e preferências, fato que só agrava a situação gerando mais desconforto.

Herdamos um contexto histórico com muitas peculiaridades, que traz consigo valores culturais, políticos e econômicos. Os contextos histórico e social das culturas que nos antecederam são importantes, servem de parâmetros para direcionar nossas escolhas no contexto da vida moral. Afinal, aprendemos muito com as experiências vividas pelas gerações que existiram antes da nossa, herdamos valores culturais e morais que são importantes para a compreensão do momento atual em que vivemos. Muitas conquistas hoje são frutos de lutas vivenciadas por gerações que nos antecederam. A heterogeneidade das origens históricas contribuiu muito para o momento atual em que vivemos. Afinal, o saber passado por aqueles que nos antecederam nos tornam mais críticos e conhecedores dos motivos que estão por trás de uma conduta, norma ou da maneira de agir, nos possibilitando compreender o presente.

Assim, encerramos os principais pontos que o autor descreveu para demonstrar a complexidade que existe em relação ao desacordo moral, como a incomensurabilidade conceitual dos argumentos rivais, a pretensão à racionalidade e a diversidade das origens históricas

Agora, vamos dar continuidade a esse debate moral, falando sobre o fracasso do projeto iluminista.

## **1.2 O fracasso do projeto iluminista**

Projeto iluminista é uma expressão muito usada por MacIntyre para fazer menção ao período histórico, que ocorreu entre os séculos XVI e XVII. A razão estava em evidência neste período, quando vários filósofos racionalistas buscavam afirmar suas ideias em relação à moralidade. “Encontramos uma crítica a todo o projeto de filósofos morais do século XVIII mais incisiva e perspicaz do que a de qualquer crítico externo do Iluminismo”. (MACINTYRE, 2001, p. 104).

O referido projeto foi marcado pela presença dos filósofos Hume, Kierkegaard, Kant, Diderot e Smith, que consideravam a razão o fundamento de todas as coisas, capaz de dar respostas às inquietações pertinentes ao ser humano, bem como suas angústias, suas curiosidades e sua forma de viver. Para os filósofos iluministas, a investigação histórica, os valores culturais e sociais não precisavam ser pesquisados, afinal a preocupação maior deveria ser com o momento presente. No entanto, para MacIntyre, a investigação histórica é

primordial, rica em informações necessárias para compreendermos os aspectos culturais e sociais de uma tradição.

Havia um desacordo moral evidente nesse período, pois os próprios filósofos iluministas não possuíam uma proposta comum para o momento em que viviam, eles apresentavam valores e crenças particulares, o que acabou dificultando muito um acordo entre eles. Afinal, havia muita divergência em relação aos conceitos filosóficos defendidos por cada um deles, o que dificultava um consenso, uma proposta comum que pudesse fortalecer as discussões sobre a moralidade.

O fracasso do projeto iluminista ocorreu porque os próprios filósofos iluministas apresentavam divergências em relação aos pensamentos filosóficos pertinentes à moral e à ética, não alcançando um propósito comum. Assim, a razão mostrou a sua fragilidade e contradição.

MacIntyre cita como exemplo deste desacordo moral, que culminou no fracasso do projeto iluminista, a proposta filosófica de alguns autores, como a moral filosófica de Kant, filósofo iluminista, cujas ideias eram consideradas tão conservadoras.

Duas teses enganosamente simples são fundamentais à filosofia moral de Kant: se as normas da moralidade são racionais, devem ser iguais para todos os seres racionais, da mesma forma que o são as leis da aritmética, e se as normas da moralidade são obrigatórias para todos os seres racionais, então a capacidade contingente de tais seres as obedecerem deve ser irrelevante – o importante é sua vontade de obedecê-las. (MACINTYRE, 2001, p. 85 e 86)

Segundo MacIntyre, a proposta filosófica de Kierkegaard era muito parecida com a de Kant, pois ambos defendiam as normas e os valores morais, e, por isso, não se sustentaram.

Portanto, a tentativa para fundamentar o que Kant crê serem as máximas da moralidade no que Kant acreditava ser a razão fracassa, assim como fracassou a tentativa de Kierkegaard de descobrir fundamentos para elas num ato de escolha; e os dois fracassos estão intimamente ligados. (MACINTYRE, 2001, p. 90)

Ainda sobre os filósofos iluministas, temos as ideias de Hume, que dizia que a nossa tradição esqueceu os sentimentos, se baseou apenas na razão, ou seja, a razão ocupou um lugar de importância na vida das pessoas, como se ela fosse capaz de responder a todos os conflitos inerentes ao ser humano. A razão possuía argumentos que tentavam sufocar os sentimentos. Segundo Hume, quem conquista a filosofia são os corneteiros e não os soldados,

ou seja, aqueles que possuem os argumentos mais sofisticados é que vencem os debates no campo da moral.

Não há coisa nenhuma que não seja objeto de discussão, e sobre a qual os homens de saber não tenham opiniões contrárias. Nem mesmo a questão mais trivial escapa à controvérsia, e nas mais importantes somos incapazes de chegar a uma conclusão clara. Multiplicam-se as discussões, como se tudo fosse incerto, e estas discussões são conduzidas com o maior entusiasmo, como se tudo fosse certo. Em toda esta agitação não é a razão que alcança o prêmio, mas sim a eloquência; e ninguém deve jamais desesperar de conseguir prosélitos para a hipótese mais extravagante, contanto que seja suficientemente hábil para apresentar com cores favoráveis. Não alcançam a vitória os soldados em pé de guerra, manejando a lança e a espada, mas sim os corneteiros, os tambores e os músicos do exército. (HUME, 1995, p. 19-20)

Hume também criticou Aristóteles em relação à *Phronesis*, que é a sabedoria prática, uma das virtudes intelectuais. Também criticou a importância da utilidade descrita por Aristóteles, considerada absoluta. Para ele, a utilidade não pode ser absoluta porque é contextual, faz parte de uma época.

Segundo MacIntyre, “Hume procura fundamentar a moralidade nas paixões porque seus argumentos excluíram a possibilidade de fundamentá-los na razão”. (MACINTYRE, 2001, p. 95).

Continuando o comentário sobre os filósofos iluministas, temos Diderot, que fez severas críticas à religião, por considerar que ela tende a tirar do homem a paixão. Segundo ele, ao retirar do homem o desejo, a paixão, e os demais sentimentos é o mesmo que extinguir a sua própria essência. Para Diderot, as paixões tornam o homem melhor, uma vez que, por meio delas, o homem se diferencia, cria grandes coisas, se torna uma pessoa melhor e com mais potencial. Enfim, para Diderot, ser um sujeito moral não significa, necessariamente, ter uma interligação com a religiosidade.

Por último, podemos citar Smith, considerado um importante teórico do liberalismo econômico, cujas ideias tiveram grande adesão na burguesia europeia no século XVIII. Ele foi um autor muito importante para o capitalismo. Era um filósofo realista, bem como os demais da sua época. Segundo Smith, as normas morais não são suficientes para suprir a demanda do ser humano, pois sempre surgem situações novas, que não possuem respostas dentro do contexto da moralidade, onde as regras e as normas não podem responder satisfatoriamente, sendo necessário recorrermos aos sentimentos, como forma de explicação diante das circunstâncias que nos apresentam.

Adam Smith, de fato, abriu concessão para uma área da moral na qual as normas não nos oferecem aquilo de que precisamos: sempre existem casos limítrofes nos quais não sabemos como aplicar a norma apropriada e nos quais é a beleza do sentimento que deve, portanto, nos orientar. (MACINTYRE, 2001, p. 395)

Assim, dialogando com os filósofos iluministas, percebemos a divergência de pensamentos filosóficos que havia em relação à moralidade. Segundo MacIntyre, são estas diferenças conflitantes do ponto de vista filosófico que levaram ao fracasso do projeto iluminista.

Outro fator que consideramos importante destacar em relação ao projeto iluminista é o valor que a religião possuía na vida das pessoas. Porém, no projeto iluminista, a metafísica do conhecimento possível da razão humana em relação à fé foi questionada. A razão era considerada autossuficiente ao ponto de ignorar a fé cristã e o valor das tradições.

Assim, a religião deixava de ocupar um lugar de importância na vida das pessoas, não era mais uma referência que pudesse direcionar as atitudes morais.

Num mundo de racionalidade secular, a religião não poderia mais servir de pano de fundo em comum e de alicerce para o discurso e a ação moral; e o fracasso da filosofia em oferecer o que a religião não podia mais fornecer foi causa importante para que a Filosofia perdesse seu papel cultural fundamental e se tornasse uma disciplina periférica, estritamente acadêmica. (MACINTYRE, 2001, p. 96)

Na sociedade contemporânea, a secularização ganhou evidência. A religião deixou de ocupar um espaço de importância na vida de muitas pessoas, diferentemente do período medieval, quando Deus possuía um lugar de destaque. A religião era uma referência positiva e de destaque na sociedade, ou seja, por meio da fé, o homem podia dar respostas aos conflitos morais que os envolviam. Nas comunidades tradicionais, a concepção de Deus era soberana, Ele era um ente poderoso, capaz de abarcar todos os problemas da humanidade, não havia outra forma de esperança. No entanto, com a proposta do projeto iluminista, uma nova concepção da razão surgiu, ou seja, uma razão calculadora, uma verdade dos fatos, uma relação matemática. Assim, não havia mais espaço para uma fé transcendental para visão metafísica.

O problema da teoria moral moderna aparece claramente como produto do fracasso do projeto do Iluminismo. Por um lado, o agente moral individual, liberto da hierarquia e da teologia, se vê e é visto pelos filósofos morais como soberano em sua autoridade moral. Por outro lado, as regras da moralidade que foram herdadas, embora parcialmente transformadas,

precisam de um novo status, pois estão privadas de seu antigo caráter teleológico e de seu ainda mais antigo caráter categórico como expressões de uma suprema lei divina. (MACINTYRE, 2001, p.115)

Percebemos, então, que a razão não conseguiu oferecer aquilo que a religião era capaz, um modelo de vida virtuosa, uma fé que pudesse direcionar a conduta moral das pessoas. Desta forma, o fracasso do projeto iluminista deixou uma lacuna, um vazio em relação ao lugar que a religião ocupava na vida das pessoas.

Enfim, fazendo uma analogia com tudo que foi dito até agora, dentro da perspectiva da sociedade contemporânea, compreendemos que herdamos da cultura iluminista apenas fragmentos de esquemas conceituais de moralidades passadas. “O que a cultura do século XX herdou do iluminismo nada mais é do que um amálgama de fragmentos resultantes de comportamentos e teorias morais passadas”. (RIBEIRO, 2012, p.24). O projeto iluminista não deu conta de suprir a demanda da sociedade contemporânea em relação à heterogeneidade de questões sociais que foram surgindo diariamente.

Hoje, não temos um *ethos* comum, a sociedade encontra-se dividida, o emotivismo tem dificultado o bom senso. A sociedade se tornou individualista e liberal. Segundo MacIntyre, a proposta Kantiana fracassou e o projeto iluminista não deu conta de dar respostas aos conflitos éticos. Segundo o autor, a sociedade contemporânea vive um pluralismo de ideias, de valores morais e éticos fragmentados. Afinal, falta uma referência, um embasamento moral que possa nortear a conduta dos indivíduos.

O projeto iluminista desconstruiu o propósito teleológico da ética das virtudes aristotélicas. É importante ressaltar que o projeto iluminista abandonou o esquema teleológico, presente na ética das virtudes aristotélicas, que visava ao bem comum e à felicidade, ou seja, o propósito de conhecer o fim último do ser humano, seu *telos*. A racionalidade desconsiderou a importância das tradições e da sua relevância para a sociedade de uma forma geral. MacIntyre considera tal fato uma perda substancial, e, segundo ele, os filósofos iluministas não deveriam ter desprezado a relevância da tradição e das narrativas no contexto histórico.

Assim, compreendemos a crítica que MacIntyre faz ao projeto iluminista, e os motivos do seu fracasso. O referido projeto fracassou exatamente por não haver um consenso, ou uma proposta comum entre os filósofos iluministas. Ainda que eles tenham vivido em momentos distintos, eram racionalistas e buscavam o êxito da razão. Entretanto, se divergiram muito nos seus preceitos em virtude de suas pretensões racionais de justificar seus ideais.

Desta forma, concluímos que foram vários os fatores responsáveis pelo desacordo moral, bem como os motivos que levaram ao fracasso do projeto iluminista. Podemos destacar o descaso dos filósofos iluministas pelo processo histórico, a falta de consenso entre os referidos filósofos e, por fim, o emotivismo, que passaremos a tratar agora. Assim, analisaremos o emotivismo e o seu desdobramento no campo da moral.

### 1.3 Emotivismo

Emotivismo é uma teoria na qual os juízos morais se baseiam em expressões de sentimentos e de preferências, quando se tratam das questões que envolvem a moral e a ética. É uma visão metaética, que torna as discussões no campo da moral carregadas de emoções.

Emotivismo é a doutrina segundo a qual todos os juízos valorativos e, mais especificamente, todos os juízos morais não passam de expressões de preferência, expressões de sentimento ou atitudes, na medida em que são de caráter moral ou valorativo. (MACINTYRE, 2001, p. 30)

No emotivismo, os debates morais são carregados de sentimentos e emoções, as discussões que se dão em torno do sujeito moral e geram grandes polêmicas e desafios. Para o emotivismo, o contexto histórico não possui importância, ou seja, não é necessário para justificar seus argumentos.

Os filósofos adeptos ao emotivismo, como Hume, consideravam que a razão não podia dar respostas aos desafios que surgiam no campo da moral, por isso rejeitavam o contexto histórico, bem como todo fundamento racional que desconsiderasse os sentimentos e os afetos. MacIntyre discorda dos argumentos emotivistas, que consideravam a emoção o motor-chave das nossas ações. Segundo ele, os debates morais não podem se basear nas emoções, sendo necessário reconhecer e valorizar o contexto histórico. Afinal, por meio da compreensão do contexto histórico e da moralidade passada, podemos entender como se davam os valores morais e sociais de outra época, e como eles também podem influenciar na atualidade.

Para o emotivismo, o conceito de moralidade passada ou presente com o objetivo de responder racionalmente aos questionamentos morais não tiveram sucesso. (MACINTYRE, 2001, p. 44).

O que afirmei ser o que acontece em geral em nossa cultura – que na argumentação moral a afirmação evidente de princípios funciona como disfarce das expressões de preferência pessoal – é o que o emotivismo

interpreta como verdade universal. Além do mais, baseia-se em fundamentos que não requerem investigação histórica e sociológica geral das culturas humanas, pois o que o emotivismo afirma é, principalmente, que não existe e não pode existir justificativa racional válida para qualquer afirmação da existência de padrões morais objetivos e impessoais e, por tanto, que tais padrões não existem. (MACINTYRE, 2001, p.43)

No entanto, MacIntyre, considera que o contexto histórico é muito importante para a investigação no campo da moral, bem como para a compreensão do desacordo moral atual. Para ele, o emotivismo precisa ser confrontado, como podemos perceber na citação a seguir: “Uma teoria filosófica que esse desafio nos convida especificamente a confrontar é o emotivismo”. (MACINTYRE, 2001, P. 30)

As teorias emotivistas compreendem que a ética não está no mundo da razão, como se não fosse possível debatê-la nem tratá-la racionalmente. Por isso, às vezes, ouvimos algumas pessoas dizerem que ética não se discute. Porém, percebemos, de acordo com MacIntyre, à luz da sua teoria, que a ética faz parte do mundo da razão sim, diferentemente do que consideram os filósofos emotivistas. A ética e a moral permeiam as discussões morais na contemporaneidade e devem ser discutidas e tratadas. No entanto, o emotivismo não pensa assim, como podemos ver nesta citação: “O emotivismo afirma que pode haver supostas justificativas racionais, mas não pode haver justificativas verdadeiras porque elas não existem” (MACINTYRE, 2001, p. 43). Fica, assim, evidente a forma como o emotivismo buscava justificar sua oposição em relação à racionalidade, na perspectiva de fundamentar seus argumentos de acordo com suas pretensões e discursos cheios de expressões de preferências ou sentimentos. A dificuldade de se estabelecer um discurso racional nos debates dentro do campo da moral e da ética no discurso emotivista é fato, como já foi demonstrado até o momento.

MacIntyre percebe o emotivismo como um declínio moral, uma falta de argumentação teleológica, ou seja, por falta de argumentos racionais que possam justificar determinada conduta. Na verdade, o emotivismo se apresenta como expressões de preferência para poder fundamentar suas pretensões. É um pluralismo de ideias carregadas de sentimentos, que dificultam um consenso. Os debates emotivistas apresentam discussões morais que geram debates infundáveis, contra-afirmações que não chegam a nenhum acordo moral.

O emotivismo incorporou-se à nossa cultura. Mas, naturalmente, ao dizer isso, não estou apenas contra-argumentando que a moralidade não é mais o que era, mas também, e o que é mais importante, que o que antes era moralidade praticamente desapareceu – e que isso marca uma degeneração, uma grave perda cultural. (MACINTYRE, 2001, p. 48)

O emotivismo está incorporado até de uma forma inconsciente no imaginário das pessoas, pois, muitas vezes, tecemos um discurso cheio de justificativas valorativas para defendemos determinada preferência. Na verdade, o emotivismo está presente na vida das pessoas e elas mesmas nem percebem.

Desta forma, compreendemos que, embora de uma forma sutil, ou até mesmo de maneira evidente, o emotivismo ganha uma dimensão cada vez maior na sociedade atual. Tal crescimento também se deve ao fato de que é muito difícil para algumas pessoas se colocarem em questão, ou seja, se questionarem em relação às suas condutas. Afinal, compreender os fatos que nos cercam, bem como confrontar a nós mesmos, não é uma tarefa nada fácil. Torna-se menos dolorido nos apropriarmos de caminhos mais fáceis, que não demandam conhecimento prévio ou uma atitude mais racional, então, ser tomado pela emoção exige menos de cada um de nós. Assim, apropriar do emotivismo para justificar uma teoria ou uma preferência se torna mais fácil.

Mas essa estridência pode ter uma fonte adicional, pois não é só nas discussões com outrem que nos reduzimos tão rapidamente a afirmações e contra-afirmações; também é nas discussões que travamos dentro de nós mesmos. (MACYNTYRE, 2001, p. 25)

Os simpatizantes do pensamento emotivista não estão preocupados se determinada conduta pode influenciar negativamente o outro, ou, até mesmo um grupo de pessoas. Na verdade, as pessoas adeptas do emotivismo se preocupam apenas com o interesse próprio, visando aos seus sentimentos e à afetividade. Sendo assim, será, então, que as emoções podem direcionar os debates morais? MacIntyre discorda e, para ele, o emotivismo é um grande adversário, é a negação de qualquer discussão filosófica, é debate moral infrutífero, apenas expressões de preferência.

A declaração de qualquer princípio universal é, no fim das contas, uma expressão das preferências da vontade do indivíduo e, para essa vontade, seus princípios têm e só podem ter a autoridade que ele escolheu lhe conferir adotá-los. (MACINTYRE, 2001, p.46)

O emotivismo é constituído por teorias morais de preferência, nas quais os argumentos são bem fundamentados, parecem verdadeiras técnicas de convencimentos, ou seja, uma habilidade de argumentação notável. Porém, percebemos que aqueles que não possuem a mesma habilidade de persuasão não conseguem o mesmo êxito nessa articulação dialética, ou seja, não vencem os debates morais de cunho emotivista.

Os argumentos, é preciso dizer, passaram a ser compreendidos em alguns círculos, não como expressões de racionalidade, mas como armas, técnicas de exposição que constituem uma parte decisiva das habilidades profissionais de advogados, acadêmicos, economistas e jornalistas que, através delas, dominam aqueles que não têm fluência ou articulação dialética. (MACINTYRE, 1991, p. 16)

Ainda dentro do contexto emotivista, vamos analisar dois exemplos que MacIntyre usa para tornar mais claro o fundamento do emotivismo. O autor faz uma analogia com as figuras do administrador e do terapeuta para mostrar que os dois personagens possuem conhecimentos técnicos distintos e os usam para um determinado fim, ou seja, buscam atender as demandas dos seus clientes ou pacientes. Desta forma, podemos dizer que cada personagem possui um objetivo específico, o administrador, por exemplo, visa ao lucro e ao sucesso dos seus clientes, sendo o lucro sua maior preocupação, por isso ele busca transformar todo investimento em sucesso. Já o terapeuta representa as relações sociais, tanto as manipuladoras como as não manipuladoras, que retratam o âmbito da vida pessoal. O trabalho do terapeuta busca tratar os traumas e as questões dos indivíduos, bem como suas angústias e os problemas que os afligem.

Atualmente, o emotivismo é uma teoria personificada por personagens que compartilham a mesma noção emotivista da distinção entre discurso racional e não racional, mas que representam a personificação dessa distinção em contextos sociais bem diferentes. (MACINTYRE, 2001, p. 62)

Enfim, tanto o administrador quanto o terapeuta conhecem a realidade dos fatos que a vida lhes apresenta, como os problemas que chegam até eles, tudo dentro de uma racionalidade. Porém, eles não dominam as definições morais, os dilemas inerentes de uma cultura. Os papéis sociais e o lugar que ocupamos na sociedade não podem responder pelos valores morais dentro do contexto social, ou seja, não são as profissões, nem o lugar que ocupamos na sociedade que respondem pelos valores morais, e sim a forma como cada sujeito se coloca diante do mundo vida, de acordo com os seus valores e percepções que tem da realidade.

Nem o administrador nem o terapeuta, em seus papéis de administrador e terapeuta, se engajam ou são capazes de se engajarem em um debate moral. Se veem a si mesmos, e são vistos por aqueles que os veem da mesma forma que eles mesmos, como figuras incontestáveis, que declaram restringir-se a aqueles domínios nos quais a concordância racional é possível – isto é, naturalmente, da perspectiva deles, ao domínio dos fatos, ao domínio dos meios, ao domínio da eficiência mensurável. (MACINTYRE, 2001, p. 63)

Para MacIntyre, o agir moral não está configurado nos papéis sociais, ou seja, o que determina um agir moral não está condicionado ao papel que o indivíduo exerce socialmente. Na verdade, o personagem não pode garantir a aprovação universal de determinada cultura, independentemente do papel que ele ocupa. No entanto, o indivíduo como sujeito moral pode sim se responsabilizar por sua forma de viver e pelas escolhas que faz. MacIntyre relata que qualquer pessoa pode ser um sujeito moral, não sendo necessário possuir um papel específico, como o exemplo dado do terapeuta e do administrador para exercer um juízo de valor ou um posicionamento. Afinal, o agir moral não está configurado nos papéis que cada um exerce, e sim no eu, na particularidade do sujeito.

A proposta deste capítulo foi contextualizar o debate em torno do sujeito moral, bem como o desacordo moral proveniente do fracasso do projeto iluminista, que tanto valorizava a racionalidade. Os filósofos iluministas não conseguiram chegar a um acordo moral, devido às divergências filosóficas que apresentavam acerca da moralidade.

O objetivo do referido capítulo foi compreender a discussão que MacIntyre teceu em relação ao desacordo moral no contexto da sociedade contemporânea, bem como os aspectos relevantes que levaram ao fracasso do projeto iluminista. Compreendemos que os temas sobre desacordo moral, fracasso do projeto iluminista e emotivismo são fatos importantes para compreendermos a moralidade na sociedade contemporânea. Afinal, para ser um sujeito moral é imprescindível conhecer todo este contexto de moralidade, bem como o processo histórico, só assim teremos compreensão da nossa realidade dentro do contexto da moral e da ética na sociedade atual.

## CAPÍTULO II

### 2 ANTROPOLOGIA DO SUJEITO MORAL

A proposta deste capítulo é trabalhar o conceito de sujeito moral e as questões no campo da moralidade que fazem parte do universo do sujeito moral. Abordaremos a importância do raciocínio prático e das virtudes morais na formação do sujeito moral. Comentaremos sobre as dificuldades que surgem no contexto social para nos impedir de agirmos moralmente de acordo com os valores éticos, na contemporaneidade. Buscaremos apresentar as características que são essenciais para vivermos segundo os preceitos morais e alcançarmos os bens internos inerentes às práticas, de acordo com as virtudes morais.

#### 2.1 Sujeito moral

Segundo MacIntyre, sujeito moral é o mesmo que agente moral, ou seja, um indivíduo capaz de exercer sua condição racional, discernir seus desejos e fazer escolhas de acordo com a sua percepção de certo e errado. Para o autor, “qualquer agente minimamente racional deve ser considerado um agente moral”. (MACINTYRE, 2001, p.65).

O sujeito moral possui o raciocínio prático, uma condição peculiar do ser humano, que o difere dos demais animais irracionais. Somos privilegiados por essa racionalidade prática que nos permite viver de forma consciente. O fato de termos consciência dos nossos atos exige que sejamos responsáveis por nossas ações e escolhas.

Na verdade, o sujeito moral é um agente moral, racional e autônomo, que busca as práticas virtuosas, tão importantes para a formação do sujeito moral. Por meio do raciocínio prático, podemos alcançar a vida virtuosa, o bem comum, a justiça e a dignidade.

Para MacIntyre, um elemento essencial para o pleno crescimento humano é o exercício do raciocínio prático, raciocínio capaz de avaliar e julgar as razões para agir. O raciocínio prático é a habilidade em agir e julgar racionalmente que reconhece os bens internos de uma prática e consegue os meios necessários para atingir tais bens. (RIBEIRO, 2012, p. 130)

O agente moral se preocupa com o bem comum e busca refletir sobre suas escolhas e a sua maneira de agir. Considera que existe um universo de oportunidades que se apresenta constantemente para ele. Por isso, é necessário que ele faça escolhas conscientes, de acordo com as virtudes morais.

Para MacIntyre, as virtudes morais são compreendidas como uma disposição que nos motiva a desejar os bens internos às práticas. Quando alcançamos os bens internos, que são as virtudes, então encontramos nosso *telos*, a nossa essência.

As virtudes devem ser compreendidas como disposições que, além de nos sustentar e capacitar para alcançar os bens internos às práticas, também nos sustentam no devido tipo de busca pelo bem, capacitando-nos a superar os males, os riscos, as tentações e as tensões com que nos deparamos, e que nos forneceram um autoconhecimento cada vez maior, bem como um conhecimento do bem cada vez maior. (MACINTYRE, 2001, p 368 - 369)

Ao desejarmos a vida virtuosa, passamos a agir de acordo com os valores morais. Passamos a nos conhecer melhor, a respeitar os nossos limites e a superar os obstáculos que nos impedem de crescermos enquanto pessoas.

Ao falarmos sobre sujeito moral, consideramos importante definir o conceito de moral. A palavra moral, em grego, diz respeito ao caráter, é uma disposição de caráter inerente ao ser humano. Segundo esta disposição, buscamos nos comportar de certa forma em relação às questões que a vida nos apresenta, de acordo com as normas morais, segundo as práticas virtuosas.

Cícero inventou “*moralis*” para traduzir a palavra grega em De Fato – significa “pertencente ao caráter”, donde o caráter humano nada mais é que suas disposições de comportar-se sistematicamente de determinada maneira, e não de outra, para levar determinado tipo de vida. (MACINTYRE, 2001, p. 77)

Assim, compreendemos que ser um sujeito moral está relacionado com a nossa forma de comportamento, nossa disposição de caráter, ou seja, diz respeito a nossa conduta, a maneira de nos comportamos, conforme os padrões morais que escolhemos seguir.

Segundo o autor, ser um sujeito virtuoso não é uma tarefa fácil, principalmente na contemporaneidade, em que os valores morais encontram-se fragmentados, devido ao desacordo moral que apresentamos no primeiro capítulo.

Para MacIntyre, a linguagem da moralidade na sociedade contemporânea estaria na mesma situação de desordem em que se encontram as ciências do mundo da parábola. Na verdade, para ele a moralidade atual seria um simulacro de fragmentos de moralidades passadas que já não formam um conjunto coerente. Não possuindo mais uma concepção unificadora, a moralidade tornou-se totalmente fragmentada. (RIBEIRO, 2012, p. 25)

Um exemplo desse desacordo moral na sociedade atual se encontra no *ethos* da esfera pública, onde a questão do bem comum se tornou fragmentada, falta uma disposição moral para nortear os valores éticos. Por isso, surgem constantemente conflitos pessoais, inerentes ao ser humano, que abrangem tanto a esfera pública como a esfera privada, e, na maioria das vezes, a lei é convocada a resolver conflitos que poderiam ser resolvidos por meio das ações de virtudes.

Para MacIntyre, agir virtuosamente é agir segundo uma educação moral. Afinal, podemos aprender as boas práticas morais por meio do cultivo das virtudes morais. As práticas morais podem ser uma constante em nossas vidas, por meios do hábito de boas ações. Na verdade, precisamos fazer das virtudes morais uma realidade em nossas vidas. É uma forma de educarmos o nosso caráter por meio da ação de executarmos os bons hábitos morais.

Agir virtuosamente [...] é agir com base na inclinação formada pelo cultivo das virtudes. A educação moral é uma “*éducation sentimentale*” (MACINTYRE, 2001, p. 255)

Segundo MacIntyre, só por meio do resgate do esquema teleológico da ética das virtudes aristotélicas conseguiremos agir em conformidade com a conduta de um agente moral. O autor encontrou nos ensinamentos de Aristóteles acerca das virtudes uma resposta para os desafios que encontramos para vivermos de forma ética. Na verdade, só por meio da virtude, da disposição de caráter podemos encontrar o nosso *telos*, o fim último para alcançarmos a felicidade.

Para o autor, é necessário trabalharmos nossa personalidade, a nossa forma de agir, isto porque o sujeito moral é desafiado a fazer escolhas constantemente, e nem sempre é fácil escolher agir moralmente, de acordo com os preceitos éticos. O ser humano é um ser cheio de inclinações e paixões, de modo que os nossos desejos podem nos distanciar do nosso fim último.

Dentro desse esquema teleológico há uma diferença fundamental entre o “homem como ele é” e o “homem como poderia ser se realizasse sua natureza essencial”. A ética é a ciência que pretende capacitar o homem a entender como se dá a transição daquela para este estado. A ética, portanto, nesta tese, pressupõe algum conhecimento de potência e ato, algum conhecimento da essência do homem enquanto animal racional e, sobretudo, algum conhecimento do *telos* humano. (MACINTYRE, 2001, p. 99)

Agir de acordo com as normas e as condutas morais é algo conflitante, pois a maioria das pessoas age de forma passional, e, muitas vezes, dizer não aos próprios desejos é uma

tarefa bem difícil. De acordo com MacIntyre, precisamos agir de forma virtuosa porque só por meio das virtudes morais podemos encontrar o nosso *telos*. Quando agimos como um raciocinador prático independente, exercemos nossas potencialidades, passamos da potência ao ato. Assim, deixamos a nossa condição inicial sem instrução para sermos um sujeito moral autônomo.

O que é para os seres humanos florescer é claro que varia de contexto para contexto, mas em todo contexto é como alguém exercita de um modo relevante as capacidades de um raciocinador prático independente que suas potencialidades para florescer de uma maneira especificamente humana são desenvolvidas. (MACINTYRE, 2001, p, 77)

Afinal, só por meio das virtudes morais podemos encontrar o bem comum e a *eudaimonia* que nos conduzirá ao florescimento humano. Para florescermos, precisamos agir virtuosamente, exercendo nossa racionalidade prática, trabalhando nossa condição frágil, nossas limitações e vícios. Só assim, podemos crescer enquanto ser humano, desenvolvendo nosso potencial e alcançando nossa essência.

Desta forma, compreendemos que sujeito moral é pessoa que possui a racionalidade prática, ou seja, a capacidade de distinguir sobre o que se deve e o que não se deve fazer em relação aos valores morais. Somos responsáveis pela nossa escolha de vida e por todos os acontecimentos decorrentes das nossas ações. Por isso, devemos refletir sobre a nossa forma de viver, sabendo que cada escolha que fizermos tem uma implicação.

Segundo o autor, precisamos buscar as virtudes teleológicas como forma de vida, para encontrarmos o nosso *telos*. Só assim, conseguiremos viver em conformidade com os valores de um sujeito moral.

Agora, passaremos a falar sobre a importância das práticas virtuosas no contexto das virtudes e das tradições.

### **2.1.1 Conceito de práticas**

Para compreendermos como se dá a formação do sujeito moral segundo a ética de MacIntyre, precisamos entender melhor a definição de prática. O conceito de prática está relacionado diretamente com os atos de virtude. “É sempre um tipo de particular de prática que providencia o contexto no qual as virtudes vão ser exibidas e recebem sua definição”. (CARVALHO, 2011, p. 50). Na verdade, é dentro do contexto de prática que as virtudes se

configuram, não há como falar de virtudes sem mencionarmos as práticas, pois elas estão intrinsecamente relacionadas.

De acordo com o autor, práticas são atividades socialmente organizadas, que possuem objetos, fins, e uma história.

[...] qualquer forma coerente e complexa de atividade humana cooperativa, socialmente estabelecida, por meio da qual os bens internos a essa forma de atividade são realizados durante a tentativa de alcançar os padrões de excelência apropriados para tal forma de atividade, e parcialmente dela definidores, tendo como consequência a ampliação sistemática dos poderes humanos para alcançar tal excelência, e dos conceitos humanos dos fins e dos bens envolvidos. (MACYNTYRE, 2001, p.316)

MacIntyre considera que em uma prática sempre há a busca pelos padrões de excelência, onde se almeja um fim. As práticas possuem uma história e um padrão que as tornam excelentes, que só são alcançados por meio de normas de procedimento, como a obediência.

Para alcançar um padrão de eficiência e de excelência, é importante considerar os valores e as regras que foram determinantes para alcançar tal modelo padrão, e só seguindo tais orientações e obedecendo aos mesmos princípios é possível alcançar o mesmo êxito.

Não conseguiremos aprender uma prática sem primeiro aceitar a autoridade dos melhores padrões instituídos até aquele momento. Essa dimensão “conservadora” é essencial para a continuidade da prática e para seu avanço. (CARVALHO, 2011, p. 50)

Em uma mesma prática, pode haver dois tipos de bens inseridos: os bens internos e os bens externos. “Segundo MacIntyre, dois tipos de bens podem ser obtidos quando alguém se engaja numa prática”. (CARVALHO, 2011, p. 50).

Assim, vamos falar sobre cada um destes bens, para compreendermos melhor a importância deles no contexto de uma prática.

### **2.1.2 Bens internos**

Os bens internos são alcançados quando exercemos as práticas virtuosas. Podemos dizer que os bens internos são intrínsecos às práticas, afinal, não há como falar deles sem fazer menção às práticas. Ambos estão interligados, e é na prática que os bens internos se evidenciam.

Sem as virtudes os bens internos às práticas não vão ser alcançados, pois na medida em que toda prática exige um certo tipo de relações entre aqueles que dela participam, a função das virtudes vai ser determinar a natureza das relações entre os sujeitos no interior dessa prática. (CARVALHO, 2011, P. 51)

As práticas possuem uma história e um padrão de excelência. Afinal, só quando conseguimos executar uma atividade com excelência é que podemos considerá-la uma prática virtuosa. Podemos exemplificar esta diferença pegando como referência duas mães que cuidam dos seus filhos. A primeira mãe cuida do filho com zelo e cuidado, cumpre todas as etapas do cartão de vacinação, por exemplo. A segunda mãe também cuida do seu filho, no entanto, ela se esquece de cumprir o calendário de vacinação da criança, não fica atenta às datas das referidas vacinas. Assim, consideramos que no primeiro exemplo a mãe desempenhou o seu papel com excelência, atentou para as datas das vacinas, de forma que não houve nenhum prejuízo para a criança. Porém, no segundo exemplo, não podemos dizer o mesmo. A mãe foi relapsa, esqueceu de acompanhar as datas para vacinar seu filho e protegê-lo de várias doenças. Então, podemos analisar que primeira mãe cumpriu sua missão com eficiência. No entanto, a segunda mãe não realizou o seu papel com a mesma qualidade, ou seja, não executou a mesma prática com critérios de excelência.

Desta forma, compreendemos que o mesmo ocorre em relação à prática do futebol, da agricultura e da arquitetura. Esses são exemplos de práticas com critérios de excelência no nosso contexto histórico. Porém, há uma grande diferença em relação ao fato de praticar uma ação virtuosa, tida como excelência e o simples ato de realizá-la. Não podemos dizer que entre o simples ato de jogar ou chutar uma bola, por exemplo, seja uma prática como o futebol, nem que plantar determinado vegetal é uma prática como a agricultura, tão menos dizer que erguer uma casa seja uma prática como a arquitetura. Na verdade, prática é uma forma mais complexa, ou seja, é um constante ato de aprendizado que conduz à virtude, e possibilita ao ser humano adquirir os bens internos e a busca pela perfeição.

Outro exemplo para visualizar uma prática é o jogo de xadrez, no qual o jogador estudou todas as estratégias para conseguir fazer uma jogada brilhante. Assim, de tanto praticar o jogo, ele acabou se aperfeiçoando e conseguiu se tornar excelente, possuindo uma habilidade que só os melhores no jogo de xadrez conseguem. O mesmo acontece em relação ao ser humano, pois buscamos os bens internos por meio da prática. Podemos dizer que, quanto mais praticamos um ato, mais próximo estamos de alcançar o nosso objetivo.

Em geral, procurar destacar-se é aspirar fazer algo que seja agradável, e é natural concluir que procuramos fazer o que nos dará prazer, de modo que a satisfação, o prazer ou a felicidade é o *telos* da nossa atividade. (MACINTYRE, 2001, p. 272)

Assim, concluímos que os bens internos estão relacionados às virtudes, ou seja, à maneira como desempenhamos uma ação ou uma atividade. Quando realizamos uma prática com excelência, alcançamos os bens internos, as virtudes morais.

Agora, vamos comentar sobre os bens externos e como eles se apresentam dentro do contexto das práticas e das virtudes.

### **2.1.3 Bens externos**

Os bens externos são condizentes à prática, ocorrem de acordo com as circunstâncias sociais, bem como o prestígio, a fama e a riqueza. Eles caracterizam a posse de uma pessoa em particular ou de um grupo, e não necessariamente são alcançados unicamente por meio da prática virtuosa. Os bens externos podem ser obtidos de muitas maneiras, como por meio do trabalho, do talento e de tantas outras circunstâncias.

Na categoria de bens externos, existe a classificação de vencedores e perdedores, diferente da relação que existe nos bens internos, na qual tal competitividade busca a excelência e colabora para o enriquecimento de toda comunidade, não considerando apenas um grupo ou uma pessoa específica.

Segundo MacIntyre, dentro do contexto de vida prática, o sujeito virtuoso, não necessariamente ganha os bens externos, pois seu objetivo maior são os bens internos. Afinal, os bens externos não podem sobrepor aos bens internos, porque estes são compartilhados com aqueles que realizaram as práticas. O interessante é termos os dois bens, tanto o bem interno quanto o bem externo, porém, o mais importante são os bens internos, que nos permitem realizar as práticas virtuosas com excelência, devendo ser essa a nossa principal preocupação.

Entretanto, os bens internos encontram-se ameaçados na sociedade atual, diante da crise moral que se instaurou na sociedade contemporânea. Segundo MacIntyre, para operar os bens internos, é necessário resgatar os valores teleológicos da ética das virtudes aristotélicas que se encontram desvalorizados na sociedade contemporânea.

No esquema teleológico da ética das virtudes, Aristóteles nos ensina que, por meio do hábito, o ser humano pode aprender uma conduta moral e incorporá-la na sua vida, fazendo dela uma rotina. Um bom exemplo desse valor teleológico é a racionalidade prática, cuja ação

é orientada para um fim, de modo que o sujeito moral escolhe ter uma vida virtuosa exercendo os hábitos saudáveis, tais como ser educado, gentil, agradável e bondoso.

O ser humano, na sua essência, possui uma natureza não instruída, tal como nasceu, parecida como os animais irracionais, desprovida de racionalidade prática. De acordo com a citação abaixo, podemos constatar que, sem os valores teleológicos, não passamos do nosso estado não instruído, não compreendemos a importância do agir ético e das práticas virtuosas.

O esquema teleológico de Aristóteles, explicitado na *Ética a Nicômaco*, no qual há um contraste fundamental entre a natureza-humana-tal-como-seria-se-realizasse-o-seu-telos (concepção do homem como ele seria se realizasse sua natureza essencial). A ética é precisamente a ciência que capacitaria os homens a transitar do estado não instruído para aquele em que realiza plenamente sua essência de ser racional, o seu *telos*. Os preceitos morais nos dão justamente o caminho certo para sairmos da potencialidade ao ato, para entendermos nossa verdadeira natureza e para alcançarmos nosso verdadeiro fim; eles nos indicam e ordenam as virtudes e vícios, como devemos educar e ordenar nossos desejos e emoções pelo uso de tais preceitos e pelo cultivo de tais hábitos de ação. (CARVALHO, 2011, p. 37)

Na verdade, só o virtuoso almeja as práticas virtuosas. “O agente moral instruído deve, naturalmente, saber o que sucede quando julga ou age virtuosamente. Assim, ele faz o que é virtuoso porque é virtuoso” (MACINTYRE, 2001, p. 255). O ser humano, de acordo com a sua natureza animal, sem instrução, não compreende a importância das virtudes morais. Por isso, a necessidade de sermos instruídos para o bem, alcançando o propósito do nosso fim último.

Segundo MacIntyre, a virtude nos possibilita alcançarmos os bens internos inerentes às práticas, além de nos proporcionar um conhecimento do bem cada vez maior que nos torna pessoas melhores, capazes de fazer escolhas racionais. Afinal, por meio das virtudes, passamos a valorizar aquilo que realmente faz bem para o sujeito moral, evitando os excessos e as paixões que nos impedem de alcançarmos o propósito de vida boa para nós e para os outros.

Desta forma, concluímos que os bens externos podem ser conquistados de inúmeras maneiras, não necessariamente por meio das virtudes morais. Podemos obtê-los pelos nossos recursos financeiros, pelo nosso labor, pela nossa competência, enfim, de várias formas. Os bens externos são importantes, mas não são essenciais para o nosso crescimento enquanto sujeitos morais que desejam as virtudes e o florescimento humano.

Para compreendermos melhor a formação do sujeito moral, vamos falar agora sobre a importância das tradições e das narrativas no contexto social.

Assim, buscaremos estudar os valores históricos e a sua contribuição para a construção do sujeito moral, que procura escrever sua própria história de vida, de acordo com sua narrativa particular e subjetiva.

## **2.2 A importância das Tradições e das Narrativas**

Neste tópico, vamos trabalhar o conceito de tradição, bem como a sua importância para a formação do sujeito moral. Abordaremos a necessidade de resgatar os valores das tradições morais e comentaremos sobre conceito de narrativa. Apresentaremos a forma como se dá o processo das narrativas pessoais e coletivas, que juntamente com a proposta da tradição moral são tão importantes na construção do sujeito moral.

### **2.2.1 Tradições**

Para MacIntyre, as tradições são muito importantes para a formação do sujeito moral, pois elas carregam as narrativas individuais e dos grupos sociais, sem dizer que por meio das tradições podemos compreender melhor os contextos sociais de épocas distintas. A tradição carrega consigo valores e referências que foram passadas por várias sociedades e nos possibilita entendermos a conjuntura social que vivemos.

Logo, o que sou é, fundamentalmente, o que herdei, um passado específico que está presente até certo ponto no meu presente. Descubro que faço parte de uma história e isso é o mesmo que dizer, em geral, quer eu goste ou não, quer eu reconheça ou não, que sou um dos portadores de uma tradição. Foi importante salientar, quando caracterizei o conceito de prática, que as práticas sempre têm histórias e que, a qualquer momento, o que a prática é vai depender de um modo de entendê-la que quase sempre foi transmitido por muitas gerações. E assim, na medida em que as virtudes sustentem os relacionamentos necessários às práticas, elas têm de sustentar os relacionamentos com o passado – e com o futuro – e também no presente. Mas as tradições por meio das quais determinadas práticas são transmitidas e reformuladas não existem no isolamento de tradições sociais mais amplas. (MACYNTYRE, 2001, p.372)

Afinal, fazemos parte de uma tradição, de um contexto histórico, independentemente da nossa escolha. Herdamos valores e saberes que são passados de geração em geração. Dentro das tradições, existem práticas importantes que servem de aprendizados para o sujeito moral, assim como as virtudes morais. Na verdade, somos reflexos de tudo aquilo que herdamos das tradições que nos antecederam, somos frutos de um passado que reflete no

nosso presente, pois fazemos parte de um contexto histórico, cuja tradição marcou a nossa existência, independentemente da nossa vontade.

Para MacIntyre, as práticas virtuosas são muito importantes, pois são elas que sustentam as tradições.

A proposta de MacIntyre de reinterpretar a tradição das virtudes tem como escopo as virtudes não tanto como a disposição de caráter, mas como habilidade para participar com excelência das práticas dentro de instituições e segundo a tradição partilhada por uma comunidade. (RIBEIRO, 2012, p.104)

Nas tradições, muitas práticas são reformuladas com o decorrer do tempo, afinal podem sofrer alterações e adequações ao longo dos anos, por isso dizemos que as tradições são organismos vivos, pois as práticas inseridas nela estão em constantes transformações. Assim, podemos compreender a tradição como algo dinâmico, vivo, capaz de mudar paradigmas.

Segundo o autor, é preciso resgatar a tradição como um organismo vivo que busca se desenvolver, e para isso a pesquisa racional é necessária e precisa ser valorizada, afinal, não existe racionalidade prática fora da tradição, conforme relata o autor nesta passagem:

Uma tradição viva é uma argumentação que se estende na história e é socialmente incorporada, e é uma argumentação, em parte, exatamente sobre os bens que constituem tal tradição. Dentro da tradição, a procura dos bens atravessa gerações, às vezes muitas gerações. Portanto, a procura individual do próprio bem é, em geral e caracteristicamente, realizada dentro de um contexto definido pelas tradições das quais a vida do indivíduo faz parte, e isso é verdadeiro com relação aos bens internos às práticas e também aos bens de uma única vida. Novamente, o fenômeno narrativo da inserção é fundamental: a história de uma prática na nossa época está em geral e caracteristicamente, inserida na história mais longa e ampla da tradição, e por meio da qual a prática se torna inteligível e chega, assim, à forma atual que nos foi transmitida. (MACINTYRE, 2001, p. 373 - 374)

Assim, compreendemos o quanto é importante o valor das tradições para a formação do sujeito moral, afinal, elas nos ensinam o valor das virtudes morais, bem como a sua importância no decorrer do tempo. “Dentro da cultura central do individualismo liberal ou burocrático, surgem novas concepções das virtudes e o próprio conceito de uma virtude é transformado”. (MACINTYRE, 2001, p. 378). Ainda que os valores morais ganhem sentidos diferentes ao longo dos anos, sabemos que as virtudes são primordiais para a formação do caráter humano e para o aprimoramento da sua conduta enquanto um agente moral.

Dentro da tradição, temos a pesquisa racional que é a busca do conhecimento de forma viva, aberta para as mudanças de paradigmas, sem estar indiferente aos acontecimentos dos fatos e à importância do contexto histórico e das tradições para a formação do sujeito moral.

Na pesquisa racional, a pluralidade está presente, podendo provocar um embate teórico, assim como acontece nas diferentes tradições morais. Porém, sabemos que a pluralidade é muito importante, pois enriquece as discussões morais, trazendo à tona a diversidade cultural que existe em uma sociedade, assim como os temas polêmicos que surgem no âmbito da moral. Podemos citar como exemplos de temas polêmicos que surgem no campo da moral a controvérsia sobre o aborto, a guerra justa, a biotecnologia, pesquisas com células troncos e tantos outros assuntos que surgem constantemente dentro do contexto moral. A questão da moralidade está ligada aos contextos social e particular de uma tradição, e vários ensinamentos nos são passados e aprendemos as práticas virtuosas. Assim, precisamos valorizar a tradição das virtudes morais, pois elas são importantes para a construção do sujeito moral, afinal, por meio das ações virtuosas, o ser humano pode alcançar as virtudes morais e os bens internos. Desta forma, podemos dizer que a identidade moral se dá no interior de uma comunidade, de acordo com seus valores e tradições próprias.

Cada um desenvolve sua identidade moral de acordo com as virtudes valorizadas em sua comunidade, em sua tradição. Portanto, assim eu entendo, todo o desafio das contemporâneas sociedades pluralistas e multiculturais será propiciar comunidades éticas em que os cidadãos, pelo debate racional com base em suas tradições, discutam em torno do reconhecimento da pluralidade em todas as suas consequências práticas, políticas e teóricas. (CARVALHO, 2012, p.132)

A formação da identidade moral está relacionada com tudo aquilo que envolve o sujeito moral, bem como o lugar em que mora, a fé que o identifica, a escola que frequenta e a família que o define, além de tudo que faz parte da sua história de vida.

Podemos dizer que a tradição se dá ao longo do tempo e possui suas próprias características e conflitos, podendo ser reformulada por meio das práticas virtuosas, de acordo com o olhar do sujeito moral, que busca se adaptar aos conceitos herdados por uma tradição.

A tradição sofre alterações no decorrer do tempo, na verdade, “preciso dizer “em geral e caracteristicamente” em vez de sempre, porque as tradições se deterioram, se desintegram e desaparecem”. (MACINTYRE, 2001, p. 374). Desta forma, compreendemos que tradição é uma estrutura viva e dinâmica, e, para que uma tradição permaneça é necessário que haja as práticas virtuosas, de forma que ela seja fortalecida e possa se perpetuar, passando de geração em geração.

As virtudes encontram sentido e finalidade não só no sustento dos relacionamentos necessários para que se alcance a variedade de bens internos às práticas, e não só no sustento da forma de uma vida individual em que cada indivíduo pode procurar seu próprio bem como o bem de sua vida inteira, mas também no sustento das tradições que proporcionam tanto às práticas quanto às vidas o seu necessário contexto histórico. (MACINTYRE, 2001, p. 374)

Assim, compreendemos que uma tradição possui conflitos inerentes a sua história e a sua forma de vida, onde alguns acordos são redefinidos e estabelecidos com o propósito de progresso de uma tradição. Desta forma, concluímos que a tradição não é estática e isso é muito importante para o sujeito moral como agente de uma história e de uma tradição, afinal, podemos fazer parte do processo de construção de uma tradição. Somos responsáveis por aquilo que deixaremos de herança para as outras gerações, tanto pelas construções positivas, quanto pelas ações negativas. Somos responsáveis por aquilo que defendemos e acreditamos. Toda ação do ser humano possui um desdobramento, uma influência em relação à forma de pensar e agir do outro.

Uma tradição é uma argumentação, desenvolvida ao longo do tempo, na qual certos acordos fundamentais são definidos e redefinidos em termos de dois tipos de conflito: os conflitos com os críticos e inimigos externos à tradição que rejeitam todos ou pelo menos partes essenciais dos acordos fundamentais, e os debates internos, interpretativos, através dos quais o significado e a razão dos acordos fundamentais são expressos e através de cujo progresso uma tradição é constituída. (MACINTYRE, 1991, p.23)

Ainda, dentro do contexto de tradição, temos o conceito de vida boa. Afinal, o que é viver a vida boa? O conceito de vida boa pode variar, de acordo com os valores individuais? Enfim, vamos analisar cada pergunta de acordo com o autor.

MacIntyre nos mostra na primeira pergunta que a que vida boa é conceber a vida como um todo, e isto só é possível se o sujeito agente não for autor de ações isoladas e fragmentadas. “Nunca serei capaz de procurar o bem ou o exercício das virtudes somente *qua* individual”. (MACINTYRE, 2001, p. 369).

Na segunda pergunta, a análise que o autor faz nos mostra que o conceito de vida boa varia de pessoa para pessoa. “O que a vida boa é para um general ateniense do século V não será o mesmo que era para uma freira medieval ou um agricultor do século XVII”. Afinal, cada um de nós possui uma concepção em relação à vida boa, como podemos compreender na citação a seguir:

[...] porque o que é viver a vida boa concretamente varia de uma circunstância para outra, mesmo quando é uma e a mesma concepção de vida boa e o mesmo conjunto de virtudes que estão sendo expressos numa vida humana. (MACINTYRE, 2001, p. 369)

Desta forma, concluímos, de acordo com o autor, que a vida boa é uma vida empenhada na procura da vida boa para o homem. “Viver uma vida boa muda constantemente de acordo com as circunstâncias, não apenas porque somos indivíduos com suas particularidades, mas porque pertencemos a comunidades e tradições específicas”. (RIBEIRO, 2012, p. 115). Na verdade, somos herdeiros de uma cultura, de uma tradição e de valores que interferem na nossa formação enquanto sujeito moral.

A vida virtuosa para o ser humano é uma vida em busca da vida boa, por isso devemos desejar as virtudes morais constantemente, só assim, alcançaremos o *eudaimonia*, que é a felicidade.

Chegamos, então, a uma conclusão provisória sobre a vida virtuosa para o homem: a vida virtuosa para o homem é a vida passada na procura da vida boa para o homem, e as virtudes necessárias para a procura são as que nos capacitam a entender o que mais e mais é a vida boa para o homem. (MACINTYRE, 2001, p. 369)

Para viver uma vida boa, é necessário buscar o bem comum, ser autor de uma história de vida que possui uma unidade narrativa, na qual as ações singulares recebem seus significados. A busca pela vida boa precisa ser de forma contínua, todos os dias precisamos almejá-la. Somos seres sociáveis e temos a necessidade de vivermos em harmonia com as outras pessoas, almejando a felicidade e o florescimento humano.

Na verdade, só por meio do entendimento de bem da vida humana é possível buscar os demais bens, assim como as virtudes. O bem que consideramos importante para o ser humano diz respeito à importância da vida moral, da integridade e do autoconhecimento. Quando alcançamos este entendimento, definimos o que é uma busca pelo bem. A citação abaixo nos mostra esta concepção do bem na vida do sujeito moral.

É na procura de uma concepção do bem que nos permitirá classificar outros bens, de uma concepção do bem que nos permitirá ampliar nossa compreensão da finalidade e do conteúdo das virtudes, de uma concepção do bem que nos permitirá entender o lugar da integridade e da constância na vida, que inicialmente definimos o tipo de vida que uma busca pelo bem. (MACINTYRE, 2001, p. 368)

Só por meio da busca, passamos a conhecer melhor tudo aquilo que nos faz bem, adquirimos sabedoria e crescemos enquanto ser humano. As dificuldades que surgem no decorrer do caminho pela busca trazem reflexões importantes para nós, tornando possível compreender sua intenção, ou seja, o sentido da busca. Na verdade, “A busca é sempre uma educação quanto ao caráter do que se procura e de autoconhecimento” (MACINTYRE, 2001, p. 368).

O autor nos mostra que a busca está ligada à educação para um fim, que possui um propósito, ou seja, na medida em que nos conhecemos, fica mais fácil trabalhar o nosso ímpeto, compreender nossas limitações. Por meio do constante exame das nossas ações, podemos educar nosso caráter, de acordo com as virtudes morais.

MacIntyre busca construir sua argumentação sobre a vida moral por meio da tradição aristotélica das virtudes, fazendo uma análise das práticas e da narrativa da vida humana, bem como da necessidade das virtudes morais. “As virtudes determinam a natureza das relações entre os sujeitos no interior de uma prática”. (RIBEIRO, 2012, p. 109).

O sujeito moral deseja a vida virtuosa e o bem comum, afinal, quando o agente moral pratica os bens internos, toda comunidade se beneficia. Percebemos claramente a implicação de um ato virtuoso na vida coletiva, no momento em que uma ação justa se aplica a todos, sem distinção de classe econômica, poder ou fama. Podemos dar como exemplo o fato de alguém com prestígio ser tratado igual a todos perante a lei, independente da sua reputação. Uma atitude moral interfere direta ou indiretamente na forma de vida do outro, assim, uma iniciativa moral pode servir de incentivo para muitos. Portanto, as ações individuais possuem significados importantes dentro do contexto de narrativas.

Segundo MacIntyre, precisamos resgatar além dos valores teleológicos, a configuração do bem humano e a hierarquização das práticas, dentro do contexto das narrativas pessoais e particulares, além das demais narrativas que envolvem a percepção do outro.

Ora, em sua interpretação, conceber a vida como um todo apenas é possível se não se concebe o sujeito agente como autor de uma história de vida que possui uma unidade narrativa. É nessa unidade que as ações singulares recebem seus significados. (RIBEIRO, 2012, p.105).

Por meio das práticas, podemos superar os nossos próprios medos e aflições, percorrendo os nossos sonhos e objetivos. Desta forma, cada desafio nos traz um crescimento pessoal e nos torna pessoas melhores. Aprendemos com as nossas experiências e com as dos

outros, por isso devemos valorizar toda forma de aprendizado que contribua para o nosso florescimento.

As tradições são formas de aprendizado para nossas vidas, pois nos fazem refletir sobre os nossos conflitos atuais, de forma que possamos considerar as histórias que estão por trás de cada contexto histórico, que interferem diretamente no nosso presente.

Apelar para uma tradição significa insistir que só podemos identificar adequadamente nossos próprios compromissos e os de outros nos conflitos argumentativos do presente se os situamos dentro das histórias que os fizeram ser o que são. (MACINTYRE, 1991, p. 24).

Desta forma, concluímos que as tradições são muito importantes para o sujeito moral, pois elas nos trazem grandes ensinamentos. Aprendemos que por meio do valor das tradições podemos compreender melhor a nossa realidade e o contexto moral que existe diante de cada questão social que vivemos. As tradições ampliam o leque de informações que temos e nos ajudam a entender os desafios morais da atualidade.

Agora, passaremos a comentar sobre a importância das narrativas no contexto histórico. A proposta é compreendermos a maneira como construímos nossa própria narrativa, além de comentarmos como as narrativas das outras pessoas são importantes para nós, pois elas nos agregam valores e conhecimentos. Assim, trabalharemos a importância das narrativas dentro das práticas morais virtuosas.

### 2.2.2 Narrativas

Cada sujeito constrói sua narrativa de acordo com as suas vivências. Sabemos que precisamos considerar as experiências que são passadas de geração a geração, pois elas carregam muitos significados e explicações importantes para compreendermos a cultura e os valores de cada sociedade em seus mais diversos contextos.

O que o conceito narrativo da identidade requer é duplo. Em primeiro lugar, sou o que as outras pessoas possam, justificadamente, pensar que sou no decorrer da vivência de uma história que vai do meu nascimento à minha morte; sou o sujeito de uma história que é minha e de ninguém mais, que tem seu próprio significado peculiar. Quando alguém reclama – como alguns dos que tentam ou cometem suicídio – que sua vida não tem sentido, essa pessoa está quase sempre, e talvez caracteristicamente, reclamando que a narrativa de sua vida se tornou ininteligível para ela, que não tem razão de ser, não se dirige a um clímax nem a um *télos*. (MACINTYRE, 1999, p. 365)

MacIntyre nos mostra que é necessário compreender o eu dentro de uma proposta pensada em forma de narrativa, que vai do nascimento até a morte do ser humano.

Sou o que outras pessoas possam, justificadamente, pensar que sou no decorrer da vivência de uma história que vai do meu nascimento à minha morte; sou o *sujeito* de uma história que é minha e de ninguém mais, que tem seu próprio significado peculiar. (MACINTYRE, 2001, p. 365).

Na narrativa, o sujeito moral é autor de uma história que só diz respeito a ele próprio, sendo responsável por sua escolha de vida e pelas decisões que possa tomar diante das dificuldades e desafios que surgem na vida. Somos autores de uma narrativa e de uma história de vida que construímos ao longo do tempo. Narramos nossa experiência de vida, ou seja, tudo aquilo que escolhemos viver, segundo a nossa percepção de certo e errado.

Porém, somos chamados a dar respostas pelas atitudes que tomamos e que se esbarram nas narrativas de outras pessoas, assim, também podemos pedir explicações aos outros sobre fatos que nos dizem respeito. Desta forma, a identidade narrativa possui uma correlação entre a narrativa individual e a narrativa do outro ou de um grupo de pessoas no contexto social que vivemos.

Na narrativa, somos responsáveis por aquilo que narramos e que damos sentido, afinal somos contadores de histórias, fazemos parte da vida de outras pessoas, assim, como elas também fazem parte da nossa existência.

Outro aspecto da identidade narrativa é correlativo: não sou apenas responsável, sou alguém que pode sempre pedir uma explicação aos outros, que pode questionar os outros. Faço parte da história dessas outras pessoas, da mesma forma que elas fazem parte da minha. (MACINTYRE, 2001, p.366).

Por meio da narrativa das outras pessoas, podemos conhecer aquilo que não vivenciamos, é como uma imagem que nos revela o desconhecido, porém, com a possibilidade de darmos uma conotação diferente, uma reconstrução daquilo que nos é apresentado, sobre uma nova perspectiva construída por meio dos nossos valores e da nossa compreensão de vida.

O conceito de narrativa vai muito além que o simples fato de narrarmos um fato. Na verdade, por meio das narrativas, podemos dar sentido a uma história vivida, buscando compreender os motivos e as circunstâncias que estão por trás de um determinado acontecimento.

Narrar a vida e os acontecimentos que nos marcaram é como viver novamente algo que foi importante para nós e que parece vivo no interior das nossas emoções. É uma oportunidade de olhar tomando distância, ou seja, enxergar com outra perspectiva os fatos vividos. Afinal, o ser humano é um ser cheio de possibilidades, aberto a muitas experiências e aprendizados. Quando narramos um fato que foi importante para nós, temos a oportunidade de reinterpretá-lo. Assim, conseguimos dar um novo sentido para os acontecimentos que foram importantes para nós naquele contexto e compreendermos os motivos que nos fizeram agir de determinada maneira.

Narrar a vida é, pra nós humanos, resgatar o tempo passado ultrapassando a mera crônica dos fatos, mas articulando-os segundo uma necessidade de sentido. É humanizar o vivido, desdobrando uma identidade que nos ajuda a compreender o presente e projetar o futuro. A narrativa é tão importante que ela nos apresenta ao mesmo tempo a irreversibilidade do passado, nos dizendo que ele poderia ter sido de outra modo, e nos lança ao futuro na constante continuidade da existência que devemos construir narrativamente. Narrar é dar testemunho de que a identidade humana é uma identidade aberta, por isso mesmo livre, que se apresenta, narrativamente, diante de nós como uma forma possível de existência. (RIBEIRO, 2015, Vol.6, N 11).

Na narrativa, temos a possibilidade de contarmos a nossa história de acordo com a nossa subjetividade, conforme os valores que atribuímos aos fatos e ao contexto histórico. Dentro da narrativa, podemos transpor o tempo e o espaço físico, sendo possível perceber o passado de forma diferente, acrescentando ou retirando algo no seu contexto e dando sentido novo aos fatos já vividos, de acordo com os nossos desejos conscientes, ou até mesmo inconscientes.

Desta forma, compreendemos que a narrativa é uma forma de vivermos o presente, projetando o futuro por meio da perspectiva do passado. O fato vivido pode servir de experiência, proporcionando que o presente seja diferente e possibilitando que o futuro seja projetado. Assim, percebemos que a narrativa é uma forma de descrevermos o passado, dando a ele um sentido novo, como se fosse possível rever os fatos passados, imaginando como seria diferente se houvesse uma segunda chance, uma nova oportunidade para voltar ao passado e fazer tudo diferente.

Por meio das narrativas, temos acesso aos acontecimentos passados e podemos compreender a forma de vida e a cultura das outras pessoas. É a possibilidade de imaginarmos o passado vivido por outros indivíduos, compreendendo determinadas culturas, bem como os valores e a forma de agir dos seus personagens.

O que fornece o histórico é o conceito de história e daquela espécie de unidade do personagem que a história requer. Assim, como uma história não é uma sequência de ações, mas o conceito de uma ação é aquele de um momento numa história real ou possível, abstraído por algum propósito daquela história, assim os personagens da história não são uma coleção de pessoas, porém o conceito de pessoas é o de uma personagem abstraído da história. (MACYNTYRE, 2001, p.365).

A vida é construída por meio de narrativas, seja nossas ou de outras pessoas e, desta forma, narramos a nossa própria história de vida, damos ênfase aos fatos que nos foram mais significativos e reproduzimos aquilo que aprendemos. As narrativas surgem a cada momento, de forma nova, contada por pessoas diferentes de acordo com suas impressões subjetivas.

MacIntyre considera que “O homem é, em suas ações e práticas, bem como em suas ficções, essencialmente um animal contador de histórias” (MACYNTYRE, 2001, p. 363). O autor nesta passagem nos afirma que o homem é um animal racional e, que na sua essência, é um contador de histórias, sua vida se dá por meio das narrativas, onde lhe é permitido sonhar.

Sonhamos em formas de narrativas, devaneamos em narrativas, recordamos, duvidamos, planejamos, reconsideramos, criticamos, inventamos, mexericamos, aprendemos, odiamos e amamos por meio de narrativas. (RIBEIRO, 2012, p.113)

Assim, compreendemos que a existência do ser humano é repleta de narrativas, tudo que fazemos e sentimos ocorre dentro do contexto das narrativas e tudo que ainda virá também estará sujeito à forma de narração.

MacIntyre, em sua pesquisa, mostrou a importância das narrativas, das práticas e da tradição no contexto das virtudes. A tradição possui muito ensinamento para nossas vidas, afinal, cada sociedade possui um *ethos*, uma cultura, uma forma de vida. Precisamos respeitar a historicidade, entender como as coisas aconteceram em uma determinada época e contexto, afinal, tudo isto é uma forma de experiência e reflexão.

As narrativas compõem a unidade da vida e da tradição. Na verdade, só alcançamos a virtude por meio dos bens internos que se configuram nas narrativas e nas tradições, por meio de uma prática.

As virtudes e a vida humana, como as buscas, são sempre relacionadas com as práticas que estão em uso em determinado sistema social, no qual se interconectam as relações entre os indivíduos. É sempre como membro de um determinado sistema social, e não simplesmente como ser humano, que o indivíduo vive sua vida. (RIBEIRO, 2012, p. 114 - 115)

Neste capítulo, trabalhamos a formação do sujeito moral como um agente responsável por seus atos. Afinal, os seres humanos são privilegiados por serem sujeitos racionais e autônomos, com capacidade de avaliar suas condutas morais e discernir as escolhas que fazem.

Dentro do contexto da antropologia do sujeito moral, falamos sobre a importância das práticas virtuosas, como uma forma de aprimoramento do caráter moral.

No âmbito das práticas, trabalhamos os bens internos e os bens externos. Os bens internos possuem critérios de excelência e estão diretamente associados às virtudes, aliás, não há como falar deles sem mencionar as virtudes morais. Os bens externos são contingentes às práticas, ou seja, consequência dos bens internos, estão relacionados ao prestígio e à forma de reconhecimento. Ambos os bens referidos são importantes, sendo que devemos buscar prioritariamente os bens internos, pois estão relacionadas com as práticas virtuosas, além de que, os bens externos são consequências dos bens internos. Na verdade, quanto mais buscamos os bens internos, mais nos tornamos sujeitos morais autônomos.

Trabalhamos também a importância das tradições e das narrativas para formação do sujeito moral, afinal, a nossa vida se dá por meio das narrativas, dentro de um contexto histórico. De fato, somos aquilo que herdamos, fazemos parte da história e da narrativa dos outros, assim como as outras pessoas também fazem parte da nossa história e da nossa narrativa. Segundo MacIntyre, o contexto histórico é muito importante, afinal, ele traz consigo os valores morais e culturais de um grupo de pessoas, de uma sociedade.

Desta forma, concluímos que o sujeito moral é um agente que deseja as virtudes morais como forma de vida. Realiza o desempenho das práticas e dos atos de justiça de forma excelente. Por meio da racionalidade prática, o sujeito moral busca a instrução, passando do ato para potência, desenvolvendo suas habilidades. Só assim, o sujeito moral floresce, alcança o seu *telos*, o fim último.

No próximo capítulo, vamos trabalhar a importância das virtudes para formação do sujeito moral. Dentro do contexto de virtudes, vamos estudar a sabedoria intelectual e a sabedoria prática, além de trabalharmos as demais virtudes como a virtude do reconhecimento e da dependência. Outro ponto muito importante que abordaremos serão os aspectos da vulnerabilidade, sobre como podemos reconhecer nossa fragilidade no decorrer da vida. E, por fim, comentaremos sobre o florescimento humano e o raciocínio prático, a resposta para o crescimento do ser humano, que dispõe da racionalidade prática.

## CAPÍTULO III

### 3 VIRTUDES PARA FORMAÇÃO DO SUJEITO MORAL

A proposta do referido capítulo é definir o conceito de virtude, de acordo com MacIntyre, bem como o caminho para alcançar as virtudes morais. Discutiremos os preceitos morais na contemporaneidade, a importância das virtudes aristotélicas e as contribuições importantíssimas de São Tomás acerca da vulnerabilidade e da dependência humana na formação do sujeito moral.

#### 3.1 Virtudes

Segundo MacIntyre, as virtudes estão condicionadas à personalidade do ser humano e ao caráter. É uma disposição que possuímos para agir de acordo com os valores éticos. “As virtudes são disposições não só de agir de determinadas maneiras, mas também de pensar de determinadas maneiras”. (MACINTYRE, 1999, p.255).

Desta forma, compreendemos que as virtudes estão ligadas à disposição de caráter, pela qual buscamos agir conforme os preceitos morais. Na verdade, por meio do conhecimento que temos acerca da moral, podemos conduzir nossa maneira de pensar e de agir, segundo os valores morais que temos em relação ao que seja certo ou errado. O nosso caráter é transformado no momento em que temos acesso à informação, quando passamos a refletir sobre a nossa conduta. Assim, passamos a ter condições de refletir sobre a nossa forma de viver, considerando os nossos atos morais e escolhendo qual forma de conduta devemos pautar nossas ações.

Para MacIntyre, o sujeito moral precisa buscar as virtudes morais por meio da sua consciência, da sua racionalidade, de forma que possa escolher as boas ações. Afinal, de tanto praticarmos uma virtude moral, ela acabará fazendo parte da nossa prática, do nosso cotidiano. As virtudes de caráter estão relacionadas à sabedoria prática, que é uma virtude adquirida pelo hábito, pela ação de exercer uma boa conduta moral.

Segundo o autor, o conceito de virtude ao longo do tempo foi tomando novas formas, os valores morais foram se modificando de acordo com o tempo e com a realidade de cada sociedade. O que antes era considerado virtuoso, hoje pode não ser. Desta forma,

compreendemos que sempre surgem novas demandas envolvendo os sujeitos morais, de acordo com cada contexto social, época e cultura.

Na verdade, os valores morais variam conforme a cultura de uma tradição. O que permite que os preceitos morais de determinadas tradições permaneçam são exatamente suas práticas virtuosas. “O que vai sustentar e reforçar ou enfraquecer e destruir uma tradição é precisamente o exercício ou falta do exercício das virtudes relevantes” (CARVALHO, 1999, p. 54).

MacIntyre também reforça que o valor de uma tradição está exatamente nas suas práticas virtuosas, assim como, da mesma forma, a desconstrução de uma tradição está na ausência das suas virtudes morais. Assim, compreendemos que as práticas virtuosas são muito importantes para manter vivo o valor de uma tradição. Uma crise moral pode colocar em risco todas as virtudes morais conquistadas por uma tradição.

Na contemporaneidade, vivenciamos um desacordo moral proveniente do fracasso do projeto iluminista. Segundo o diagnóstico de MacIntyre, o remédio para tratar a referida crise moral é o resgate os valores teleológicos da ética das virtudes aristotélicas.

MacIntyre defende uma retomada da ética aristotélica das virtudes, mas associada a um reposicionamento da tradição como *locus* da pesquisa racional e estruturando-a a partir de exigências filosóficas atuais, como saída para os problemas que diagnostica na linguagem e práticas moral de nosso século. (CARVALHO, 1999, p. 32)

Para realização da sua pesquisa, o autor buscou resgatar os princípios morais que ficaram despercebidos na sociedade contemporânea. Para isso, MacIntyre dialogou com vários pensadores acerca da moralidade, na perspectiva de compreender o momento atual. Assim, construiu sua proposta para remediar a crise moral presente na sociedade.

Diante do desacordo moral atual, MacIntyre relata que precisamos retomar a teoria aristotélica acerca das virtudes morais. Os valores teleológicos presentes na obra de Aristóteles foram o fundamento para a elaboração do projeto de MacIntyre acerca da sua teoria moral, além de ser uma das melhores contribuições que ele teve para desenvolver sua teoria sobre as virtudes.

Na construção da sua pesquisa sobre a moral, MacIntyre buscou apresentar o ponto de vista de vários autores, como Kierkegaard, Kant, Diderot, Hume, Smith, sobre a moralidade, inclusive, criticou alguns argumentos por considerar que eles não se sustentam diante da crise moral na contemporaneidade.

MacIntyre, no seu projeto, critica o emotivismo, pois considera que este tem permeado os debates no campo da moral e da ética trazendo, assim, grande desacordo. Afinal, no emotivismo os sentimentos de cunho pessoal tentam embasar as discussões morais e os desejos pessoais se evidenciam. De fato, falta uma racionalidade que possa conduzir os referidos debates, como MacIntyre retrata nesta passagem “O sentimento sem a guia da razão se transforma em sentimentalismo e o sentimentalismo é um sinal de fracasso moral”. (MACINTYRE, 1999, p. 146). Assim, percebemos que o autor desconsidera os argumentos relativistas e emotivistas baseados em fundamentos psicológicos ou de punho subjetivo. Na verdade, tais argumentos são contrários a sua percepção sobre moralidade racional.

Enfim, a preocupação de MacIntyre é com a investigação moral, com a racionalidade prática e com o resgate do valor das tradições. O autor, durante a construção do seu projeto, teve o cuidado de não apresentar uma verdade única, uma tábua sobre as virtudes morais.

A proposta que MacIntyre apresenta é pautada no constante exercício das virtudes, na relação de troca, de forma justa e idealizada. Segundo MacIntyre, somente por meio das virtudes morais e intelectuais será possível construir a vivência do raciocínio prático que conduz ao florescimento humano.

O raciocínio prático é a condição que temos de refletir sobre a nossa maneira de agir, é a condição peculiar do ser humano racional que o difere dos seres irracionais. Por meio do raciocínio prático, nos protegemos de toda forma de negligência, falta de amor, maldade, estupidez e cobiça.

As virtudes, portanto, devem ser compreendidas como as disposições que, além de nos sustentar e capacitar para alcançar os bens internos às práticas, também nos sustentam no devido tipo de busca pelo bem, capacitando-nos a superar os males, os riscos as tentações e as tensões com que nos deparamos, e que nos fornecerão um autoconhecimento cada vez maior, bem como um conhecimento do bem cada vez maior. (MACINTYRE, p. 368-369)

Para MacIntyre, as virtudes necessárias que precisamos para sobreviver estão relacionadas umas com as outras, pois as virtudes morais são muitas e cada uma possui a sua importância. Na verdade, não há como buscarmos o bem comum e a vida moral seguindo alguns preceitos e ignorando os demais. Afinal, as virtudes morais se completam, como afirma Aristóteles na citação a seguir.

E desta forma podemos refutar o argumento dialético de que as virtudes existem separadamente uma das outras, e o mesmo homem não é perfeitamente dotado pela natureza para todas as virtudes, de modo que poderá adquirir uma delas sem ter ainda adquirido outra. Isso é possível no

tocante às virtudes naturais, porém não aquelas que levam a qualificar um homem incondicionalmente de bom; pois a presença de uma só qualidade, a sabedoria prática, lhe serão dadas todas as virtudes. (E.N. VI, 13; 1144 b 35, 1145 a)

Ainda em relação às virtudes, MacIntyre faz uma analogia do ser humano em relação aos animais irracionais. Ele considera que o ser humano é tão frágil e dependente como os demais animais irracionais. No entanto, quando o ser humano se dá conta desta fragilidade, ele consegue perceber sua vulnerabilidade e passa a valorizar as virtudes morais, bem como as virtudes da dependência.

Sustentarei a ideia de que, apesar da importância fundamental das diferenças existentes entre o ser humano e todas as demais espécies, também é importante que tanto nas primeiras atividades da infância como posteriormente, o ser humano se comporta em relação com o mundo de uma maneira muito parecida a do resto dos animais inteligentes, apesar de transcender algumas de suas limitações não se separam nunca inteiramente do que tem comum com eles, de fato a capacidade para transcender essas limitações depende em parte de alguma destas características animais, entre elas a característica de sua identidade. (MACINTYRE, 2001, p, 22- 23)

Na verdade, precisamos um do outro para sobreviver, ninguém é autossuficiente ao ponto de considerar que não necessita do outro, pois somos vulneráveis. Em algum momento da nossa existência, vamos demandar o cuidado de alguém. A virtude da dependência se torna evidente quando alcançamos a compreensão de que somos vulneráveis e dependentes.

O autor considera que o ser humano é tão frágil e vulnerável como os demais animais irracionais. No entanto, quando o ser humano se dá conta disso, ele passa a valorizar as virtudes morais, bem como as virtudes da dependência.

Afinal, passamos por grandes desafios na vida, enfrentamos solidão, desprezo, angústia e tantos outros sentimentos inerentes ao ser humano; é quando precisamos do olhar do outro nos confortando. Assim, demandamos carinho, compreensão, empatia e amor para sobrevivermos, pois nossa condição humana necessita de toda forma de afeto para se desenvolver. Desta forma, compreendemos que a proposta de dependência apresentada por MacIntyre pode ser tanto física quanto emocional.

Assim, MacIntyre busca nos conscientizar da nossa condição animal e vulnerável, considerando que o ser humano na sua condição de animal inicial precisa ser trabalhado até encontrar o seu bem interno, ou seja, seu fim. O ser humano precisa trabalhar o seu potencial, ser um sujeito virtuoso e nunca se esquecer da sua condição de animal racional dependente.

As virtudes que nós precisamos, se vamos desenvolver de nossa condição animal inicial até aquela de agentes racionais independentes, e as virtudes que nós necessitamos, se vamos confrontar e responder à vulnerabilidade e deficiência, tanto em nós mesmos como nos outros, pertencem a um e mesmo conjunto de virtudes, as virtudes peculiares aos animais racionais dependentes, cuja dependência, racionalidade e animalidade têm de ser entendidas em relação umas com as outras. (MACINTYRE, 1999, p. 5)

Ainda dentro do contexto de virtudes, pretendemos trabalhar os dois tipos de sabedoria, que são a sabedoria intelectual e a sabedoria prática, ambas são virtudes muito importantes para entendermos melhor o agir virtuoso, capaz de guiar nossas ações.

### 3.2 Sabedoria intelectual

A sabedoria intelectual é o exercício da inteligência, é uma virtude que se dá por meio da ação oriunda do saber, pela instrução feita de forma pedagógica, por meio do conhecimento e do ensino sistemático. É uma virtude intelectual que busca o conhecimento e a informação.

Por meio da virtude intelectual, o ser humano busca se instruir e mais hábil ele se torna. Então, o agente racional, passa a refletir sobre as suas escolhas e a desejar as demais virtudes do caráter.

Segundo MacIntyre, “Quando transformamos nossas disposições, inicialmente naturais, em virtudes do caráter, fazemo-los por meio de exercício gradual dessas disposições *kata ton orthon logon*”. (MACINTYRE, 2001, p. 262).

Na verdade, o exercício da inteligência, ou seja, da virtude intelectual é responsável por todas as outras virtudes, pois, por meio dela o ser humano consegue refletir sobre as suas atitudes, como diz o autor:

O exercício da inteligência é o que faz a grande diferença entre uma disposição natural de certo tipo e a virtude corresponde. Inversamente, o exercício da inteligência prática requer a presença das virtudes do caráter, caso contrário, degenera-se ou permanece desde o início mera capacidade engenhosa de ligar meios a qualquer fim, em vez de ligá-los a fins que sejam genuínos bens para o homem. (MACINTYRE, 2001, p.262 - 263)

A virtude intelectual é adquirida pelo conhecimento caracterizado de duas maneiras: o conhecimento científico, que é uma forma de saber possível de comprovação e de demonstração; e o conhecimento oriundo da razão intuitiva, ou seja, o conhecimento que dispensa a constatação por demonstração.

A sabedoria intelectual é um tipo de virtude que se aprende de maneira formal, quando os valores morais são transmitidos de forma pedagógica, por meio de instituições como escolas, famílias e sociedade.

De acordo com MacIntyre, compreendemos que, desde crianças, precisamos ser educados de acordo com as virtudes morais, como a justiça, a amizade, a dependência, além de outras com o propósito de alcançarmos um coração sábio.

A virtude ou sabedoria intelectual ocorre por meio da busca pela verdade e pelo conhecimento. É um aprendizado que se dá de maneira formal, por meio da disposição que apresentamos para adquiri-la, ou seja, um desejo genuíno que apresentamos para obtermos o saber. O sujeito moral deseja a virtude intelectual, anseia o conhecimento e a busca pela verdade. Desta forma, para obter as virtudes intelectuais só mesmo pelo aprendizado pedagógico, segundo a instrução capaz de propiciar as virtudes morais. “Nós nos tornamos teoria ou praticamente sábios em consequência da instrução sistemática”, (MACINTYRE, 2001, p.262).

MacIntyre relata que, desde cedo, devemos investir na educação das crianças e dos adolescentes, afinal, a tarefa educativa é muito importante, pois ela pode transformar os desejos e as inclinações humanas. A educação é uma das melhores ferramentas que existe para mudar o mundo e as pessoas, por isso ela é considerada transformadora.

Assim, devemos nos preocupar com o modelo educativo desde cedo, para que, na infância, as virtudes morais sejam trabalhadas. Afinal, a educação consegue despertar o ser humano, fazendo-o almejar o bem comum e os bens individuais, pois não convém que o ser humano seja nem egoísta, nem altruísta, assim, devemos buscar o equilíbrio, o meio termo. Desta forma, não é bom que o sujeito moral se preocupe apenas com os outros, tampouco apenas consigo.

Durante a infância, a primeira infância ou adolescência, o ser humano experimenta sem dúvida alguns conflitos muito profundos entre impulsos e desejos egoístas e altruístas. (MACINTYRE, 1999, p.188)

MacIntyre afirma a importância da virtude intelectual, do conhecimento adquirido, seja por meio do ensino permanente, ou, por meio de outras instituições de saber que visam ao aprendizado. Só assim, poderemos realizar as demais virtudes morais, que são as virtudes de caráter. Sem a virtude intelectual, não é possível adquirir as virtudes morais. Afinal, ambas se completam, uma depende da outra para se realizar. As virtudes morais também são conhecidas como sabedoria prática, ou *phronêsis*, que passaremos a tratar em seguida.

### 3.3 Sabedoria prática

*Phronêsis* é um termo grego que significa prudência ou sabedoria prática. A sabedoria prática, segundo MacIntyre, é adquirida por meio do hábito, ou seja, do ato de praticar uma ação reta. “A consequência imediata do exercício de uma virtude é uma escolha que acarreta um ato correto”. (MACINTYRE, 2001, p. 254). Quando uma atitude moral começa a fazer parte da nossa rotina, ela vira um hábito, se tornando uma prática constante que incorporamos na nossa vida diária. De acordo com a citação abaixo, a sabedoria prática é uma das virtudes intelectuais mais importantes para alcançarmos as virtudes de caráter.

*Phronêsis* é uma virtude intelectual; mas é a virtude intelectual sem a qual não se pode exercer nenhuma das virtudes do caráter. A distinção aristotélica entre esses dois tipos de virtude é, inicialmente, uma comparação entre os modos como são adquiridas; as virtudes intelectuais são adquiridas por meio de instrução, as virtudes de caráter por meio do exercício habitual. Nós nos tornamos justos ou corajosos ao realizar atos justos ou corajosos; nós nos tornamos teórica ou praticamente sábios em consequência da instrução sistemática. Contudo, esses dois tipos de educação moral estão intimamente relacionados. (MACINTYRE, 1999, p. 262.)

Segundo MacIntyre, a característica do ser humano, enquanto um animal racional, é possuir grandes potencialidades que precisam ser trabalhadas para alcançar o seu *telos*. “Que cada parte da alma realize sua função específica. O exercício de cada função específica é uma virtude. Assim, os apetites do corpo devem aceitar as restrições impostas pela razão”. (MACINTYRE, 2001, p. 241)

A sabedoria prática é uma das virtudes de caráter que se dá no ato de praticar as virtudes morais. O exercício das práticas virtuosas podem influenciar até mesmo as outras pessoas que fazem parte do nosso cotidiano, mudando a percepção que elas possuem sobre a vida e sobre as condutas morais. “Nossos desejos e emoções devem ser organizados e educados pelo uso de tais preceitos e pelo cultivo dos hábitos de ação que a ética prescreve”. (MACINTYRE, 2001, p. 100)

Os juízos que fornecem premissas ao raciocínio prático contêm juízos com relação ao que é bom para alguém como ele fazer e ser; e a capacidade do agente de fazer e agir com base em tais juízos depende de quais virtudes e vícios intelectuais e morais compõem seu caráter. (MACINTYRE, 2001, p. 275)

Segundo MacIntyre, as virtudes não são inatas, ou seja, as virtudes se adquirem por meio do hábito. “Nós nos tornamos justos ou corajosos ao realizar atos justos ou corajosos;

nós nos tornamos teórica ou praticamente sábios em consequência da instrução sistemática” (MACINTYRE, 2001, p. 262). O ser humano não nasce virtuoso, tampouco adquire as virtudes naturalmente. Na verdade, as virtudes são formas de condutas adquiridas por meio dos bons hábitos. A virtude moral é compartilhada pelos pais, familiares e grupos de pessoas por meio dos costumes e dos valores morais considerados verdadeiros por eles.

“O agente moral instruído deve, naturalmente, saber o que sucede quando julga ou age virtuosamente. Assim, ele faz o que é virtuoso porque é virtuoso” (MACINTYRE, 2001, p. 255), ou seja, as pessoas virtuosas almejam as ações de virtude.

Assim, a sabedoria prática é uma virtude que se dá por meio do hábito, ou seja, é o conhecimento que nós acumulamos com o decorrer do tempo, pois a experiência de vida nos ensina como devemos lidar com as nossas paixões e com os nossos vícios. De tanto praticarmos uma ação virtuosa, ela acabará se tornando uma prática na nossa vida diária.

Do ponto de vista aristotélico a razão não pode ser escrava das paixões, pois a educação das paixões para que se enquadrem na busca daquilo que o raciocínio teórico identifica como *telos* e o raciocínio prático como ato correto a se realizar em cada hora lugar determinado é o assunto da ética. (MACINTYRE, 2001, p. 275)

De acordo com MacIntyre, a virtude moral nos conduz às práticas virtuosas. Assim, compreendemos que precisamos buscar os valores morais e as virtudes éticas, afinal, só por meio dos bons atos poderemos alcançar a nossa essência, o nosso *telos*.

O exercício das virtudes é, em si, capaz de exigir uma postura bem definida com relação a questões sociais e políticas; e é sempre dentro de determinada comunidade, com suas próprias formas institucionais específicas, que aprendemos ou deixamos de aprender a exercer as virtudes. (MACINTYRE, 2001, p. 327)

As práticas morais se constituem por meio das narrativas e das tradições morais, por meio das quais as virtudes morais são evidenciadas na prática moral. Na verdade, cada tradição carrega consigo suas práticas, inerentes aos seus valores morais e a sua cultura. A dimensão histórica é muito importante para o contexto das virtudes, como podemos ver na citação abaixo.

Acontece, portanto, que não é por acaso que toda prática tenha sua própria história, e uma história diferente daquela do aprimoramento das respectivas capacidades técnicas. Essa dimensão histórica é fundamental com relação às virtudes. (MACINTYRE, 2001, p. 326)

As virtudes são condições de caráter importantes para constituição do agente moral, pois, por meios da racionalidade prática, o ser humano pode fazer escolhas racionais e conscientes. A sabedoria prática é a capacidade que temos de aprendizado e de adaptação, afinal, podemos moldar nossas atitudes conforme os ensinamentos práticos de convivência e de bons exemplos que nos são dados acerca dos valores morais, fazendo com que tais ensinamentos se tornem um hábito em nossas vidas.

Dentro das práticas morais, temos várias virtudes importantes como a coragem, a amizade, a honestidade, a camaradagem e tantas outras que delimitam o caráter do ser humano como um ser racional independente e satisfatório.

O ser humano, para conseguir conviver em harmonia com os demais, precisa buscar o bem comum, saber se relacionar em grupo e conviver socialmente com as outras pessoas, de forma satisfatória, contribuindo para o seu bem-estar e o desenvolvimento da *polis*.

Nesse contexto, sobre a boa forma de convivência mútua, podemos citar as virtudes de dar e as virtudes de receber, afinal, toda forma de relacionamento implica em reciprocidade. Para termos um ambiente harmonioso, precisamos nos desprender de todo sentimento altruísta.

Pois, assim como as virtudes de dar, as virtudes de receber são requeridas para sustentar justamente aqueles tipos de relações comuns através das quais o exercício das virtudes tem, primeiro, que ser aprendido. (MACINTYRE, 1991, p.127)

As virtudes da justiça e da generosidade também são muito importantes para o convívio moral das pessoas. Na verdade, a virtude da justiça considera uma determinada ação justa quando ela for realizada pensando no bem-estar do outro, de uma forma coerente. A justa medida não busca beneficiar apenas um lado e prejudicar o outro, ao contrário, busca o bem comum. A virtude da justiça não é egoísta, não busca o apenas o interesse próprio.

Ser justo é dar a cada pessoa o que ela merece; e os pressupostos sociais do florescimento da virtude da justiça numa comunidade são, portanto, dois: que haja critérios racionais de mérito e que haja um acordo quanto a quais sejam esses critérios. (MACINTYRE, 2001, p. 259)

Desta forma, o autor trabalha a virtude da justiça segundo o mérito. O ser humano possui responsabilidade em relação às suas escolhas, o mérito é consequência da condição individual de cada um, bem como da competência pessoal. O critério de justiça também

precisa possuir regras claras para que sirva de referência para todos. E seja qual for o contexto, a medida de justiça será comum a todos, conforme critérios estabelecidos.

Justiça é a virtude de recompensar o mérito e retificar a ausência de recompensa aos méritos dentro de uma comunidade já instituída; para a constituição inicial a amizade é necessária. (MACINTYRE, 2001, p. 265)

Afinal, não há como ser justo, reconhecendo uma virtude e desprezando outras. “Não se pode ter nenhuma das virtudes do caráter em forma desenvolvida sem possuir todas as outras”. (MACINTYRE, 2001, p. 264).

A virtude da justiça estabelece que “A justiça exige que todo cidadão desfrute, ao máximo possível, de oportunidades iguais de desenvolver seus talentos e suas outras potencialidades”. (MACINTYRE, 2001, p. 23). Assim, compreendemos que todos são iguais, possuímos os mesmos deveres e direitos. As oportunidades devem ser as mesmas para todas as pessoas, de forma que, todos possam desenvolver seus talentos e apresentar suas potencialidades.

Ainda em relação à justiça, MacIntyre considera que a virtude da amizade é necessária. “O tipo de amizade que Aristóteles tem em mente expressa um reconhecimento comum de um bem, e a procura dele”. (MACINTYRE, 2001, p. 264). Então, percebemos que a participação é importante, seja da família, da comunidade, ou seja, a amizade é uma forma de compartilhar tudo que existe de bom e necessário para o convívio harmônico de uma sociedade.

A amizade, naturalmente, segundo Aristóteles, envolve afeto. (MACINTYRE, 2001, p. 266). O afeto que Aristóteles enfatiza, MacIntyre compreende como uma forma de “aliança comum para a busca comum dos bens”. (MACINTYRE, 2001, p. 266). Assim, a sociedade se une para alcançar os seus objetivos, uma forma de cada indivíduo buscar o seu interesse próprio, além das necessidades de todos, do bem que é comum a todos.

Ainda dentro das virtudes, temos a virtude da misericórdia, uma virtude teleológica, que compõe o quadro das demais virtudes importantes para caráter humano.

Misericórdia é um lamento ou tristeza profunda com o sofrimento de outra(s) pessoa(s), diz Tomás de Aquino, só na medida que compreendamos o sofrimento desse outro como o nosso próprio. Pode-se fazer isso por conta de algum vínculo prévio a esse outro - o outro é já um parente ou amigo - ou porque ao compreendermos o sofrimento do outro reconhecemos que este sofrimento poderia ter si, ao contrário, o nosso próprio sofrimento (MACINTYRE, 2001, p. 147)

A virtude da misericórdia é um sentimento empático, sofremos com a dor do outro, conseguimos nos colocar no lugar de sofrimento de outra pessoa. Sofremos e lamentamos pela angústia do próximo.

As virtudes precisam estar em conformidade umas com as outras, elas funcionam em harmonia. “As virtudes estão todas em harmonia mútua e a harmonia do caráter de cada pessoa se reproduz na harmonia do estado.” (MACINTYRE, 2001, p. 267).

Ainda dentro do contexto da sabedoria prática, em relação à virtude, segundo os preceitos da ética aristotélica, que na verdade é um grande ensinamento para as nossas vidas, percebemos pontos de divergências entre o autor e o pensamento aristotélico. Podemos constatar tal divergência na citação a seguir: “E tratar Aristóteles como alguém que faz parte de uma tradição, mesmo que seja como seu maior representante, é fazer algo não exatamente aristotélico”. (MACINTYRE, 2001, p. 249).

Aristóteles, em uma das suas principais obras, *Ética a Nicômacos*, nos revela o segredo para alcançarmos as virtudes morais. Uma contribuição que MacIntyre considera de grande relevância. No entanto, o autor relata que Aristóteles não reconheceu as virtudes da dependência. Afinal, o ser humano é vulnerável a inúmeras situações e fatalidades no decorrer da vida. Estamos expostos a muitas formas de perigos, e precisamos um do outro para nos proteger.

Segundo o autor, as virtudes morais também são intrínsecas à prática do reconhecimento da dependência, afinal, só por meio da conscientização que temos da nossa condição peculiar de fragilidade, poderemos compreender o quanto somos dependentes um do outro para sobrevivermos. Por isso, precisamos da virtude da dependência mútua, afinal somos vulneráveis a inúmeras situações de risco que nos fragilizam.

MacIntyre, na obra *Animais racionais dependentes*, trabalhou as virtudes da vulnerabilidade e da dependência, que, segundo ele, são tão importantes para o sujeito moral, pois trabalha a natureza frágil e dependente do ser humano. Na referida obra, o autor trabalha as semelhanças entre os seres humanos e os animais irracionais, considerando apenas os animais mais inteligentes. MacIntyre, na sua analogia, cita como exemplo o golfinho, que é um animal bastante inteligente e possui muita identificação com o ser humano.

Os golfinhos são animais que vivem bem em grupo e se comunicam com certa facilidade, aprendem facilmente, são amáveis e afetuosos. Eles também estão sujeitos a ambientes hostis, demonstram medos e inseguranças. Os golfinhos, assim como os seres humanos, buscam alcançar seus objetivos cooperando entre si.

Em sua natureza animal o ser humano compartilha com membros de outras espécies inteligentes, ainda que carentes de linguagem, como os golfinhos; que buscam se orientar para mostrar que não só é válido atribuir a algumas dessas espécies, intenções e razões para agir. Assim também, o ser humano em sua condição inicial, como agente racional, se encontra em uma condição muito parecida, e que a identidade humana é, então, e ainda depois, uma identidade animal. (MACINTYRE, 1999, p.183)

O autor pretende mostrar, por meio da sua analogia, o quanto somos parecidos com os animais irracionais, tais como os golfinhos, os macacos e os demais animais que são considerados por ele inteligentes, pois estamos sujeitos a todos os tipos de dificuldades e desafios de sobrevivência, assim como eles, além de lutarmos constantemente para vencermos os obstáculos que a vida nos apresenta.

Na obra *Animais racionais dependentes*, MacIntyre aprimora sua argumentação sobre as virtudes morais. Utilizando o pensamento de Aristóteles, articulados aos escritos de Tomás de Aquino sobre as virtudes, o autor retrata a forma de como devemos agir.

Apesar de que é mais importante afastar certos argumentos de Aristóteles e de alguns aristotélicos, Aristóteles contribuiu com os melhores recursos com os quais montamos até agora para identificar em que erram tais argumentos e como poderiam corrigir esses erros. De modo que em certos temas será necessário usar Aristóteles contra o próprio Aristóteles, às vezes, com a ajuda de São Tomás. (MACINTYRE, 2001, p.22)

O autor, na sua analogia, não se refere a todos os animais, ele privilegia os golfinhos e os macacos, como já foi mencionado. Desta forma, ele procurou justificar que o ser humano, para alcançar os seus objetivos, tenta superar as metas, assim como os demais animais inteligentes, a partir da noção de que os animais inteligentes possuem crenças de acordo com os juízos de verdadeiro e falso, visto que parece haver uma razão para a ação, um estágio pré-linguístico.

MacIntyre, para justificar sua argumentação sobre os animais inteligentes, se distancia da compreensão de Heidegger, que considera os animais pobres criaturas no mundo, sem nenhuma diferenciação, colocando todos os animais no mesmo patamar.

Estamos acostumados a falar de animais superiores e inferiores. No entanto, é um equívoco fundamental achar que amebas e infusórios são animais mais imperfeitos do que animais como elefantes e macacos. (HEIDEGGER, 2003, p. 225)

Retomando a questão da dependência em MacIntyre, é importante destacarmos o quanto somos vulneráveis e frágeis diante das fatalidades que a vida pode nos acometer.

Principalmente em alguns momentos da vida, nos tornamos mais fragilizados e demandamos mais cuidado, carinho e atenção.

Os períodos da infância e da velhice são os mais vulneráveis, nos quais nos tornamos mais dependentes dos outros para nos auxiliar nas nossas demandas sociais, pessoais e até de sobrevivência.

É curioso pensarmos como é o ciclo da nossa existência: nascemos, crescemos e envelhecemos, assim é a nossa vida, parece um conto passageiro. A vida passa depressa e a velhice logo chega, ainda que muitos a tenham por tardia.

Desta forma, podemos concluir como se dá o ciclo da vida, ou seja, na infância recebemos todos os cuidados devidos, na fase adulta passamos a cuidar daqueles que precisam da nossa atenção, na velhice recebemos novamente os cuidados necessários para a nossa sobrevivência. Assim, a vida é um eterno cuidado.

Na verdade, somos como os animais irracionais, dependentes e vulneráveis, precisamos um do outro para sobreviver, afinal, não podemos esquecer que somos frágeis. A maior parte da nossa vida se caracteriza pela dependência, conforme MacIntyre retratou tão bem no seu projeto sobre as virtudes morais.

De acordo com Carvalho, a citação abaixo contextualiza a animalidade do ser humano dentro do aspecto da vulnerabilidade e do florescimento humano. O autor, segundo a perspectiva de MacIntyre, nos mostra como poderemos crescer e florescer enquanto sujeitos morais, afinal, somos animais racionais independentes e autônomos.

MacIntyre, ao conectar vulnerabilidade, dependência e autonomia racional numa mesma equação, contextualizando-as no âmbito da animalidade do ser humano, realiza mais uma vez a percepção das virtudes com um traço comunitário e cooperativo, não as reduzindo a qualidades de caráter individual ou traços meramente emocionais. Ao enfatizar que somos dependentes de outros humanos não somente para nossa sobrevivência, mas também para que possamos florescer como seres humanos autônomos e racionais, MacIntyre nos faz lembrar que só nos tornamos agentes reflexivos práticos independentes, através da participação num conjunto de relações com outras pessoas que regra geral, é capaz de nos dar o que precisamos. À medida que crescemos, passamos a dar mais do que recebemos, mas quando chegarmos a velhos inicia um processo em que precisamos receber mais do que damos. (CARVALHO, 2011, p. 210-211)

Na verdade, o ser humano se imagina diferente do animal, como se não fosse vulnerável e acaba menosprezando o sentimento de dependência, como se estivesse livre do perigo e da condição de animalidade, conforme a citação abaixo.

O que faz que os “prazeres da riqueza e a grandeza acendam a imaginação como algo magnífico e bonito”, marca que “durante a languidez da enfermidade e a fadiga da velhice” tudo deixa de ser tão impressionante, posto que nesses momentos a pessoa se dá conta de que a obtenção de riquezas e grandezas deixa a quem as possui “tão expostas como sempre, e em ocasiões ainda mais que antes, a ansiedade, ao medo, aos pesares, as enfermidades, ao perigo e a morte. ( MacIntyre,1999, p.16 )

De acordo com MacIntyre, tudo aquilo que na nossa saúde parecia tão precioso, no momento da dor e do medo perdem o sentido, de nada nos aproveita a riqueza ou os valores do mundo. A angústia da morte e do desconhecido assombra a maioria das pessoas. Na verdade, é como se existisse um vazio no interior da alma do ser humano que se evidencia na fragilidade. Infelizmente, quando o ser humano está no gozo das suas potencialidades, desfrutando dos prazeres e das riquezas da vida, tal sentimento não o incomoda, porém, quando chegam às adversidades, os momentos de incertezas e de dores, sejam elas físicas ou emocionais, percebemos como somos vulneráveis e frágeis.

Os prejuízos culturais separam o presente do ser humano do seu passado e, às vezes, encontram um ponto de apoio em uma teorização filosófica, em si mesmo prejudicada. De maneira que as teorias filosóficas que se ocupam da distinção entre os membros da espécie humana e as outras espécies animais podem, aparentemente, justificar a crença de que a racionalidade do ser humano enquanto ser pensante é de algum modo, independente de sua animalidade. Em consequência, o ser humano pode esquecer de seu próprio corpo e esquecer que sua maneira de pensar é a que corresponde a uma espécie animal. (MACINTYRE, 1999, p.19)

Enfim, a questão da dependência e da vulnerabilidade trabalhada tão bem por MacIntyre, não foi percebida por Aristóteles, conforme o autor relata anteriormente, no entanto, foi claramente vista por Tomás de Aquino. O autor trabalha a formação do sujeito moral diante da crise da moralidade na sociedade contemporânea por meio da contribuição da ética das virtudes de Aristóteles e de Tomás de Aquino. Foi por meio do pensamento aristotélico da ética das virtudes que baseou sua teoria, porém, criticou Aristóteles por não considerar a questão da vulnerabilidade e da dependência humana. Com o pensamento de Tomás de Aquino, complementou o que faltava para sua argumentação sobre a relação de dependência e vulnerabilidade, aspectos que não foram abordados na ética das virtudes de Aristóteles.

Ao estudarmos a questão da dependência e da vulnerabilidade em MacIntyre, compreendemos que o autor considera tanto a dependência física quanto a dependência

emocional, embora não haja nenhuma citação explícita sobre isso. Afinal, o ser humano é um ente completo, apresentamos necessidades físicas e emocionais.

Desta forma, MacIntyre retomou os ensinamentos de ambos, considerando a ética das virtudes aristotélicas e a contribuição tomista sobre a vulnerabilidade e dependência e fez, assim, uma grande e importante reflexão sobre a vida do ser humano.

Assim, passaremos, agora, a comentar um pouco mais sobre o florescimento humano para concluirmos o nosso pensamento sobre as virtudes morais, bem como o caminho que elas conduzem.

### **3.4 Florescimento humano e raciocínio prático**

Florescimento humano é o estágio que o ser humano alcança ao percorrer o caminho das virtudes morais. Desta forma, o agente moral alcança uma sensibilidade de espírito que o conduz ao florescimento humano.

Para florescer são necessárias tanto as virtudes que permitem ao ser humano operar como pensador prático independente e responsável, como essas outras virtudes que permitem reconhecer a natureza o grau de dependência em que se está em respeito aos demais. A aquisição e o exercício dessas virtudes só são possíveis, à medida em que se participa nas relações sociais de reciprocidade, que são relações sociais regidas e em parte definidas pelas regras da lei natural. (MACINTYRE, 1999, p.184)

Se as virtudes permitem ao ser humano converter-se em argumentador prático independente é porque também lhe permitem participar das relações de reciprocidade por meio das quais conseguirá seus fins como argumentador prático.

Os seres humanos precisam aprender a compreender a si mesmos como raciocinadores práticos sobre bens, sobre o que em situações particulares é o melhor a ser feito e sobre como é melhor para eles viverem a suas vidas. Sem aprender a viver isto, seres humanos não podem florescer (MACINTYRE, 1991, p.19)

Desta forma, MacIntyre nos convida a vivermos segundo as virtudes morais, pois elas nos conduzem ao florescimento humano. Aprendemos com o autor que precisamos valorizar o nosso bem maior que é a vida, afinal, ela é vulnerável e frágil. Desta forma, a nossa preocupação maior deve ser com a vida virtuosa, pois, ainda que nos angustiemos com as tribulações da vida, sabemos que elas nos conduzem ao florescimento humano, que vem com o crescimento interior.

Assim, o sujeito moral também pode buscar a dimensão necessária para levar a investigação moral muito mais além, e admitir que uma boa educação baseada nas virtudes morais será o mais adequado. Dentro deste contexto, também é preciso considerar as práticas que são necessárias para alcançar as virtudes do reconhecimento e da dependência.

Então, o autor apresenta a transição do ser humano no contexto de sua inteligência animal para um ser racional, prático e independente. O autor retrata a condição do ser humano, que busca os “bens necessários” para a sua prosperidade e sobrevivência.

A Identidade humana é primeiramente, ainda que não unicamente, corporal e, portanto, identidade animal; e é por referência a essa identidade que as continuidades de nossas relações com os outros são parcialmente definidas. (MACINTYRE, 1991, p.8)

O ser humano quando cresce adquire condição própria para se distanciar dos desejos imediatos que eram recorrentes quando criança, semelhante aos animais. Ao se tornar adulto, o homem pondera sobre as coisas que são importantes para si, conseguindo fazer escolhas que estão de acordo com os seus ideais. Assim, o homem se distancia da sua condição animal irracional e se torna um animal racional independente.

As virtudes morais e intelectuais são as qualidades que devem ser trabalhadas nas crianças, no sentido de direcionar seus desejos em relação às várias etapas da vida, porém, ele desconsidera as abordagens consideradas utilitaristas. Segundo o autor, as qualidades da mente e do caráter são virtudes que possibilitam ao homem reconhecer quais são os bens relevantes e também quais são as habilidades consideradas importantes para a conquista do bem e da felicidade.

Quando crianças, somos totalmente vulneráveis e precisamos dos cuidados dos nossos pais ou daqueles que nos amam para nos proteger, nos alimentar e nos educar, além de nos amar para que nos tornemos adultos sadios tanto física quanto psicologicamente.

Segundo MacIntyre, na infância e na adolescência, demandamos mais cuidados, pois vivenciamos angústias em relação aos nossos desejos e inclinações inerentes ao ser humano, além de ser uma fase de muitas afirmações, na qual temos que enfrentar os nossos medos e inseguranças. Também existe nesta fase a necessidade de buscarmos aceitação do olhar do outro para sermos aceitos conforme o padrão valorativo.

De acordo com MacIntyre, o agente moral bem instruído almeja o florescimento humano que é uma forma de crescimento humano, adquirida por meio das virtudes morais. O sujeito virtuoso busca as virtudes morais porque almeja a vida moral.

Na verdade, precisamos de todas as virtudes, como por exemplo, a virtude da dependência, pois, por meio dela, percebemos o quanto somos vulneráveis. Assim, reconhecemos nossas limitações e fragilidades. Só quando temos consciência das nossas fraquezas e nos colocamos em questão, fazendo uma autocrítica da nossa vida, podemos florescer e crescer enquanto sujeito moral.

Neste capítulo buscamos trabalhar o florescimento humano, bem como o raciocínio prático, que é uma forma peculiar dos animais racionais. Por meio do raciocínio prático, somos capazes de construir uma vida pautada nas virtudes morais, de forma a alcançar o nosso fim último, o bem comum. O ser humano, enquanto um sujeito moral que busca a racionalidade prática, possui condições de fazer escolhas conscientes sobre a sua forma de vida, podendo discernir em relação a melhor conduta a escolher, de forma que realize o seu *telos*.

Outro ponto importante que enfatizamos foi a virtude da dependência, adquirida no momento em que reconhecemos nossa vulnerabilidade. Aliás, quando somos capazes de reconhecer nossa fragilidade, nos damos conta de como somos dependentes um do outro, e, assim, aprendemos que há fases na vida que nos tornamos totalmente vulneráveis. Na verdade, o ser humano necessita de amor e cuidado para sobreviver e ser um animal racional e prático.

Além da virtude da dependência mútua, buscamos trabalhar as demais virtudes, como a virtude da justiça e a virtude da misericórdia. Concluímos que, sem a virtude da justiça não podemos conviver com as outras formas de virtudes, pois ela é importante na prática do bem comum e do nosso bem maior, que o nosso *telos*.

## CONCLUSÃO

A proposta desta pesquisa foi buscar compreender a formação do sujeito moral na ética das virtudes de Alasdair MacIntyre. Para isso, estudamos a definição de sujeito moral e a importância das virtudes morais para a sua formação.

Sujeito moral é a pessoa que vive de acordo com ética e com os preceitos morais. Por meio da nossa racionalidade prática, podemos fazer escolhas conscientes, discernindo nossos próprios desejos e buscando sempre o bem. A racionalidade prática é construída ao longo do tempo, por meio das vivências e da percepção que se tem do mundo, das pessoas e do cotidiano de uma forma geral. Quando desenvolvemos nossa capacidade de raciocinador prático, encontramos o caminho que conduz ao florescimento humano e à virtude.

O objetivo deste trabalho foi trazer uma reflexão sobre a importância das virtudes na atualidade. Uma pergunta que podemos fazer para nós mesmos: Será que estamos vivendo em conformidade com a conduta de um agente moral? De acordo com o autor, precisamos viver segundo as virtudes morais, pois só por meio delas poderemos viver a vida boa, ou seja, a vida gasta à procura da vida boa.

Segundo MacIntyre, as pessoas possuem uma percepção individual de vida boa, conforme os valores subjetivos de cada indivíduo e da comunidade em que vive. A vida boa é a vida gasta à procura da vida boa. O sujeito virtuoso almeja viver a vida boa e encontrar a *eudaimonia*, que é a felicidade. Para isso, as virtudes morais são importantes, pois são elas que nos direcionam para percorrermos o caminho em busca da vida moral.

Ao estudarmos a importância das virtudes morais, consideramos que o propósito desta pesquisa foi alcançado, pois o referido trabalho nos trouxe mais consciência e responsabilidade sobre a necessidade de sermos sujeitos virtuosos. Afinal, quando o ser humano se dispõe a agir virtuosamente, ele desenvolve suas potencialidades. Assim, aprendemos a trabalhar nossas dificuldades e tudo aquilo que nos distancia do nosso fim. O cultivo das virtudes nos ensina a desejar o bem e a viver de acordo com os padrões éticos e morais. Aprendemos muito sobre as virtudes morais, inclusive, como elas podem conduzir as nossas vidas e nos fazer florescer.

O tema trabalhado é atual, marca o nosso cotidiano. Inúmeras vezes passamos por situações conflitantes, envolvendo questões éticas e não sabemos o que fazer. Ainda há muito a explorar diante de um tema tão importante e fundamental como esse, que aborda as questões sobre a moralidade.

Afinal, ser um sujeito moral implica na forma como vamos escolher viver diante de um mundo com tanta diversidade e particularidade. A todo instante precisamos tomar decisões que perpassam a ética e a moral, envolvendo nossas vidas e a vidas de outras pessoas.

De acordo com a análise que fizemos em relação às questões éticas, percebemos que ser um sujeito moral na atualidade é um desafio. Afinal, vivemos um desacordo moral, uma vez que a sociedade contemporânea passa por uma grande crise no campo da ética e da moral.

A obra *Depois da virtude*, de MacIntyre, foi muito importante para compreendermos o desacordo moral atual. A referida obra tornou o autor mais conhecido no meio acadêmico por abordar questões tão relevantes sobre a moralidade.

Para MacIntyre, o desacordo moral atual é reflexo da herança do projeto iluminista que se deu entre os séculos XVI e XVII. Os próprios filósofos desta época não chegaram a um acordo sobre a questão da moral. Por isso, o projeto iluminista não foi capaz de se sustentar, devido às inúmeras divergências que havia entre os filósofos iluministas. Faltava um ponto em comum que pudesse intermediar as discussões no âmbito da moralidade.

Na compreensão do autor, os filósofos iluministas consideravam a razão o fundamento maior que podia dar respostas para todas as inquietações e perguntas do ser humano. A razão era para eles um estatuto universal, capaz de abarcar os problemas da humanidade acerca da moral.

MacIntyre relata que herdamos do projeto iluminista fragmentos de conceitos morais. Por isso, vivemos uma crise moral, um desacordo envolvendo a moralidade. Falta um acordo comum, um consenso em relação às questões éticas.

Na contemporaneidade, os debates envolvendo a ética e a moral se tornam cada vez mais evidentes. As discussões sobre assuntos polêmicos, como a controvérsia do aborto, pesquisas com células-tronco e guerra justa, são exemplos de temas polêmicos que tornam os debates infundáveis.

Muitas vezes, percebemos que as discussões no campo da moral são verdadeiras afirmações e contra-afirmações. Falta um ponto em comum que possa mediar às discussões morais. Os debates se tornam extensos e exaustivos. Cada lado dispõe de argumentos lógicos com o objetivo de defender seu ponto de vista, em uma busca desenfreada para se obter a razão.

O emotivismo ganhou força nos debates morais, de forma que percebemos nas discussões acerca da moral uma falta de justificação racional que possa amparar as discussões. No emotivismo, as emoções buscam responder aos conflitos morais e ganham

evidência. Na verdade, há uma lógica de padrões racionais que buscam justificar os conflitos éticos que existem na sociedade. A preocupação do emotivismo é apenas com as questões contemporâneas, ele não se preocupa com o processo histórico que é o pano de fundo.

O autor faz uma análise precisa sobre a desordem moral, percorrendo os tempos antigos, desde a época medieval para construir seu diagnóstico. Consideramos interessante que MacIntyre não só elabora o seu diagnóstico, mas também nos ensina a tratar o problema. O remédio que ele prescreve é a retomada das virtudes.

MacIntyre encontra na ética aristotélica um grande ensinamento sobre o valor das virtudes morais para combatermos a desordem moral que tem crescido consideravelmente na atualidade.

É só o homem dotado de inteligência prática – e isso, como já vimos, é a inteligência instruída pelas virtudes – que encontramos ativamente na história. E é na natureza do raciocínio prático que Aristóteles proporciona mais uma discussão importantíssima para o caráter das virtudes. (MACINTYRE, 2001. p. 273)

Por meio do preceito aristotélico, o autor trabalhou o seu pensamento sobre as virtudes. A obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles é uma referência importante sobre as virtudes para que o ser humano alcance o seu *telos*. No entanto, MacIntyre precisou recorrer à ajuda de Tomás de Aquino para completar seu raciocínio acerca das virtudes morais. Para o autor, Aristóteles não reconheceu a questão da vulnerabilidade, fato tão importante para o ser humano. Assim, MacIntyre, utilizando a contribuição de Aristóteles e Tomás de Aquino, concluiu sua teoria acerca das virtudes morais.

MacIntyre, na obra *Animais Racionais Dependentes*, faz uma analogia do ser humano em relação aos animais irracionais. A proposta do autor é mostrar que o ser humano, no seu estado inicial, sem instrução, parece com os demais animais não humanos. Na verdade, em nossa condição inicial, agimos de forma inconsequente, de acordo com o nosso instinto.

A condição de raciocinador prático é que nos torna diferente, superior aos demais animais. Quando passamos a ser um agente racional autônomo, evoluímos de ato para potência. Então, começamos a viver segundo as virtudes morais, assim, crescemos como pessoas. Ao trabalharmos os vícios e as questões que nos afastam do nosso *telos*, nos tornamos pessoas melhores, passamos a nos colocar no lugar do outro e a reconhecer a virtude da dependência e da vulnerabilidade. Assim, procuramos refletir mais sobre o nosso comportamento e buscamos cada vez mais melhorar a nossa condição de agente moral, de forma, que possamos florescer.

Para MacIntyre, as virtudes morais se dão por meio das práticas, das tradições e das narrativas. As práticas são ações por meio das quais podemos exercer as virtudes, pois as virtudes se dão no interior de uma prática, não há como falar de virtudes fora do contexto das práticas. Na verdade, quanto mais exercemos uma prática com excelência, mais virtuosos nos tornamos.

Ainda no âmbito das virtudes, MacIntyre nos mostra o valor da tradição, pois, por meio dela, conseguimos entender o contexto social no qual estamos inseridos. As tradições carregam consigo os valores morais de uma época e nos dá condição de compreendermos o tempo presente. Na verdade, herdamos valores e conceitos morais de gerações que nos precederam, por isso, precisamos considerar a tradição.

Os conceitos morais vão mudando, de acordo com o tempo e lugar. O que antes era considerado um valor moral, atualmente, pode não ser. O que vai sustentar os preceitos de uma tradição são as virtudes morais. Desta forma, compreendemos que precisamos valorizar as tradições, afinal, elas são essenciais para as nossas vidas. Não podemos desvalorizar o conceito histórico, pois herdamos valores morais, culturais e sociais que nos fazem ser o que somos. As tradições nos permitem compreender o presente e o passado.

Para MacIntyre, é só por meio do resgate do processo histórico, da valorização das tradições que podemos entender a desordem moral.

E só recorrendo à história dessas concepções da natureza humana conseguiremos compreender como tal discrepância se constituiu, focalizando a partir da forma Geral do esquema moral que foi o ancestral histórico das concepções modernas: o esquema teleológico de Aristóteles, explicitado na *Ética a Nicômaco*. (CARVALHO, 2011, p. 37)

Dentro do contexto de tradições, temos as narrativas, que dizem respeito à forma como elaboramos nossa percepção em relação aos fatos que vivemos. Construimos nossa vida em forma de narrativas, narramos a nossa história, os fatos que foram significativos para nós. Fazemos parte da vida de outras pessoas, assim como elas também fazem parte da nossa existência. Desta forma, a narrativa do outro diz muito para nós, aprendemos por meio das narrativas, sejam elas individuais ou coletivas.

A nossa vida é feita de escolhas, somos responsáveis por nossos atos, pela forma como conduzimos nossa vida. Ainda que não queiramos, as nossas condutas interferem na nossa relação com o outro. Por isso, devemos explicações ao outro quando necessário, ou seja, nossa forma de agir interfere na vida e na narrativa das outras pessoas. O assunto trabalhado

nos fez refletir e valorizar o conceito de tradição, bem como a importância das narrativas para compreendermos o momento presente e o momento passado.

Neste trabalho, MacIntyre nos chamou a atenção para algumas virtudes, que, segundo ele, são muito importantes. Na verdade, as virtudes morais são várias, como as virtudes da dependência e da vulnerabilidade, as virtudes da justiça e a virtude da misericórdia. Não podemos desejar uma virtude e menosprezar outra. Todas são importantes, elas estão interligadas e se completam.

As virtudes da dependência e da vulnerabilidade nos mostram que somos vulneráveis e frágeis como os animais irracionais, pois necessitamos de cuidados para sobrevivermos. Demandamos do outro afeto, atenção e amor, principalmente na infância e na velhice. A qualquer momento, podemos ser acometidos por um acidente grave, uma perda de memória, ou outra situação que possa nos fragilizar. Só na dor, na fragilidade, percebemos o quanto somos dependentes um do outro.

Em relação à virtude da justiça, compreendemos que ela está presente em todas as situações, afinal, não há como pensar em uma determinada virtude se não considerarmos os atos de justiça.

A virtude da misericórdia nos faz sensível à dor do outro. Passamos a nos imaginar na mesma situação de outra pessoa. Assim, nos tornamos empáticos, sofremos com a aflição daqueles estão passando por momentos difíceis.

Enfim, compreendemos que, para ser um agente moral, precisamos das virtudes, pois, por meio delas, aprendemos a respeitar o próximo, a desenvolver o senso de justiça e a desejar o bem comum.

MacIntyre não teve a pretensão de escrever uma tábua sobre as virtudes morais, sua intenção foi contribuir e trazer uma reflexão sobre a questão moral. Em nenhum momento, ele quis ditar normas e formas de condutas. A sua preocupação foi trazer mais elementos para podermos refletir sobre o desacordo moral que vivemos na contemporaneidade.

Com a sua contribuição, adquirimos mais parâmetros e referências sobre as questões que envolvem a moralidade. Afinal, a questão do desacordo moral está presente em todas as camadas da sociedade.

Segundo o autor, precisamos resgatar os valores teleológicos para enfrentarmos os conflitos éticos e morais. Somente por meio das virtudes morais poderemos alcançar o nosso fim último.

A condição de raciocinador prático permite que o ser humano compreenda o momento presente e faça escolhas corretas. “A razão nos instrui quanto ao nosso verdadeiro fim e

quanto a como corrigi-los”. (MACINTYRE, 2001, p. 100). O autor nos traz uma perspectiva muito interessante para superarmos a situação acerca do desajuste moral, que foi amplamente discutida até aqui. Para MacIntyre, precisamos das virtudes morais para desenvolvermos nossas potencialidades e, assim, alcançarmos o nosso fim, a vida boa.

As virtudes teleológicas nos capacitam e nos dão condições de trabalharmos nossas limitações humanas para podermos florescer. Quando alcançamos o nosso objetivo de viver conforme um agente moral autônomo, encontramos o nosso *telos* no mundo da vida.

A investigação filosófica abre caminhos para dialogarmos e compreendermos as circunstâncias que nos angustiam. Por meio do percurso realizado, na tentativa de compreender a formação do sujeito moral na ética das virtudes de MacIntyre, aprendemos a dar sentido ao que realmente importa para nós, que são as virtudes morais.

O autor nos convida a sermos sujeitos críticos, com condição de fazermos escolhas conscientes, conforme nossa percepção de certo e errado, sabendo que cada ação possui uma consequência. Agir virtuosamente implica buscar as virtudes morais para direcionar nossa forma de viver. A nossa condição de raciocinador prático nos permite questionar os fatos que fazem parte do nosso cotidiano, por meio da autonomia e do discernimento que alcançamos para compreendermos o momento em que vivemos. Assim, desenvolvemos competência para distinguir os interesses que existem diante do desacordo moral atual.

Desta forma, podemos dizer que MacIntyre é um filósofo muito importante para nos auxiliar nas questões que dizem respeito à moral e à ética. Consideramos significativa a sua contribuição sobre o desacordo moral. A sua proposta nos faz pensar sobre o problema da moralidade, nos tornando pessoas mais críticas, preocupadas com a realidade dos fatos que estão em discussão. Assim, aprendemos que devemos analisar sempre todo o contexto de uma situação em debate, pois pode haver manipulação e interesses velados nos debates morais. Afinal, não vemos outra forma a não ser o resgate das virtudes morais para agirmos de forma responsável e ética.

Considerando o percurso que fizemos para construir este trabalho, podemos dizer que aprendemos a desejar mais as virtudes morais e a buscar um autoconhecimento cada vez maior das nossas ações; compreendemos que precisamos nos preocupar com o nosso bem e com o bem de toda a comunidade em que vivemos, não podemos ser egoístas, pelo contrário, devemos considerar o bem comum e os valores das tradições.

O assunto trabalhado nos fez refletir e valorizar o conceito de tradição, bem como a importância das narrativas para compreendermos o momento presente e o momento passado. Sabemos que as tradições carregam significados que são muito importantes para nós. Ela nos

permite valorizar o contexto sociocultural de uma tradição, de uma sociedade que viveu antes de nós. Assim, temos mais elementos para compreendermos a nossa cultura e os valores morais atuais. As virtudes morais são responsáveis por manter vivo o valor de uma tradição ou por desconstruir alguns valores morais. Por isso, algumas virtudes morais se perdem com o decorrer do tempo. O que antes era considerado um preceito moral, um valor virtuoso, pode deixar de ser em nossos dias. As virtudes morais são disposições de caráter que nos permitem escolher a maneira como direcionamos nossa vida, de forma que podemos trabalhar o nosso caráter e a nossa condição de vivermos como raciocinadores práticos, com autonomia para conduzir a nossa vida. Então, passamos a considerar os preceitos morais, a vida boa e o bem comum.

## REFERÊNCIAS

### a) Do autor

MACINTYRE, Alasdair. *Dependent rational animals: why human beings need the virtues*. Chicago, Illinois: Open Court Publishing Company, 1999.

MACINTYRE, Alasdair. *Depois da virtude: um estudo em teoria moral*. Bauru: (SP): EDUSC, 2001.

MACINTYRE, Alasdair. *Justiça de quem? Qual racionalidade?* 4.ed. São Paulo: Loyola, 2010.

### b) Secundárias

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo: Nova Cultura, 1987. (Os pensadores).

ARISTÓTELES, *Poética; Organon VI: elencos sofisticos; Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

BORGES, Bento Itamar. *Comunidade: um conceito moral ou científico? Interações*. Uberlândia. v1, n.1. p.39-54. 2006.

CABRAL, R. Short history of ethics. *Revista Portuguesa de Filosofia*. Braga. v. 31, n.4. p. 443. Out/dez.1975.

CARVALHO, Helder Buenos Aires de. *Tradição e racionalidade na filosofia de Alasdair MacIntyre*. São Paulo: Unimarco, 1999.

CARVALHO, Helder Buenos Aires de. Alasdair MacIntyre e o retorno às tradições morais de pesquisa racional. In: OLIVEIRA, Manfredo A. de. *Correntes Fundamentais da Ética Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CARVALHO, Helder Buenos Aires de. Alasdair MacIntyre. “*A contemporaneidade de Aristóteles na Filosofia de Alasdair MacIntyre*”. *Síntese*, Belo Horizonte, p. 37- 66, 2001.

CARVALHO, Helder Buenos Aires de. Depois da virtude. *Hypnos*, São Paulo. v. 7, n. 8. p. 134-140. 2002.

CARVALHO, Helder Buenos Aires de. A Phronesis aristotélica: breve comparação das leituras de Alasdair MacIntyre e Paul Ricoeur. *Hypnos*, São Paulo, n. 27, p. 260-283, 2011.

CARVALHO, Helder Buenos Aires de. *Hermenêutica e filosofia moral em Alasdair MacIntyre*. Curitiba: CRV, 2013.

CURADO, José Manuel. Racionalidade e teoria da mente em Alasdair MacIntyre. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga. v. 54, n. 3-4. p. 429-466, jul/dez. 1998.

FONSECA, José Sérgio Duarte da. Auto-ilusão e os limites internos do narrativismo. *Síntese*. Belo Horizonte. v. 33, n. 105. p. 23-52, jan/abr. 2006.

GONÇALVES, João Pedro. *O horizonte da justiça em Alasdair MacIntyre: uma introdução ao "Project After Virtue"*. Braga: Fundação Luso-Americana, p. 276. 2007. (Societas. Coleção de estudos sociais).

GONÇALVES, Isabel Cristina Rocha Hipólito. *O lugar da virtude e do sujeito moral na filosofia de Alasdair MacIntyre*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2012. Dissertação. (Mestrado).

HEIDEGGER, M. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

HUME, David. *Uma investigação sobre os princípios da moral*. São Paulo: Unicamp, 1995.

KENNEDY, Terence. Whose justice? Which Rationality? *Gregorianum*. Roma. v. 72, n. 1. p. 183-185. 1991.

MARQUES, Márcia Pereira. Alasdair MacIntyre e a defesa da concepção de pesquisa racional implícita nas tradições morais. *Argumentos. Fortaleza*, v.1, n.1. p. 23-27, jan./jun. 2009.

MAZZOCATO, Giuseppe. Dopo la virtù: saggio di teoria morale. *Rivista di Teologia Morale*, Bolonha. v. 23, n. 89 (1). p. 141-146, Gen/mar. 1991.

NUSSBAUM, Martha C. *A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PARANHOS, Flávio Rocha Lima. Dependent racional animal. *Philosophos: Revista de Filosofia*, Goiania, v. 6, n. 1-2, p. 137-143. 2001.

PERINE, Marcelo. Virtude, Justiça e Racionalidade: a propósito de Alasdair MacIntyre, *Síntese*, p. 391-412, 1992.

RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

RIBEIRO, Elton Vitoriano. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Loyola, 2012.

RIBEIRO, Elton Vitoriano. MacIntyre para Teólogos. *Pensando: Revista Filosófica*, v. 6, n. 11, p. 89-100, 2015.

SALDANHA, Nelson. Justiça de quem? Qual racionalidade? *Síntese Nova Fase*. Belo Horizonte. v. 19, n. 56. p. 118-119. Jan/mar. 1992.

SANDEL, Michael J. *Justiça: o que é fazer a coisa certa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SHARKEY, Ronan. Vertus, communautés et politique, la philosophie morale d' Alasdair MacIntyre. *Nouvelle Revue Theologique*, Paris, n. 1, 123. p. 62-87, jan/mar. 2001.

TAYLOR Charles. Justice After Virtue. In: HORTON J. & MENDUS, S. (Ed.) *After MacIntyre: Critical perspectives on the Work of Alasdair MacIntyre*. Cambridge: Polity Press, 1994

URIBE, Angela. Modernidad, ética y empresa. *Ideas y Valores: Revista Colombiana de Filosofía*. Bogota, n. 111. p. 61-77. Dic. 1999.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Tradição e racionalidade na filosofia moral de Alasdair MacIntyre. *Síntese: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 26, n. 85, p. 270-271, maio/ago. 1999.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia filosófica Vol. I*. São Paulo: Loyola, 2009.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia filosófica Vol. II*. São Paulo: Loyola, 1992.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Ética e Cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Introdução a Ética Filosófica Vol. I*. São Paulo: Loyola, 2012.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Introdução a Ética Filosófica Vol. II*. São Paulo: Loyola, 2005.

WOLF, Ursula. *A Ética a Nicômaco de Aristóteles*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2013.